

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 157 129



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

O Castello de Faiford



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COMPELIMENNA EM PLUSTANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

ali agora o seu cadáver nem no castelo nem nas proximidades.

«Foi cometido um crime horrível, sr. Holmes; os annos do crime raras vezes terão conhecido maior atrocidade.

«Não pode suppr com que furia hestial os criminosos procederam no castello.

«O cadáver da condessa, que foi achado n'uma vala do parque, está horivelmente desfigurado e algumas peças do vestuário do conde, todas manchadas de sangue, encontraram-se perto do cadáver de sua mulher, fazendo suppr que elle foi igualmente assassinado e que occultaram a cadáver.

«Os criminosos puderam proceder livremente, sem receio de serem incomodados, pois os proprietários do castello estavam inteiramente sós.

«O conde tinha dado licença a todos os criados para irem a Londres assistir a uma festa.

«A população de Birchwood acha-se extremamente agitada: de memoria d'homens nunca se commet- to ali nenhum crime tão horrível. Homens, mulheres e crianças rodeiam o castello e soltam imprecações e ameaças contra os assassinos, pois os condes de Fairford eram muito queridos da população em virtude da sua bondade.

«E' possível, replicou Sherlock Holmes, sentando-se na carruagem ao lado de Hart, que pegou nas redessas e fez partir os dois fogosos trotadores pertencentes á cocheira do castello. O conde Fairford era um homem jovial. A noticia do crime de Birchwood ha de produzir grande sensação na alta sociedade de Londres, onde o conde desempenhou um papel importante sendo uma personagem dominantes dos clubs hippicos e em varios clubs de jogo.

«Descendente d'uma velha familia da nobreza inglesa, conseguiu dissipar em poucos annos a fortuna colossal dos seus antepassados, no jogo, no sport e com mulheres. Segundo se diz, esteve a ponto de metter uma bala na cabeça.

— Assim é, realmente, retorquiu Hart. O primeiro marido da condessa, Fred Johnston, o mais rico proprietario do condado de Essex, multi-millionario, salvou a essa occasion, a muito custo Fairford de acabar mal, moral e physicamente.

«E' verda-de. E foi muito romantico essa salvagão, proferiu Sherlock Holmes, perdendo-se em recordações. Fairford tinha juntado n'essa dia principiamente no Jockey Club e tinha ido em seguida passear de carruagem no Hyde Park, com a sua amante Flora Carr. Decidiu-se a voltar para o seu palacio, em Focadilly, assediado continuamente pelos cre- dores, na intenção de acabar dignamente a vida, met- tendo uma bala nos miolos, quando se encontraram com Johnston, de quem tinha sido conspiciu durante

muitos annos, tendo frequentado ambos o Victoria College. Quando Johnston soube que o seu amigo Rogerio decidira pôr termo á vida, pediu lhe para adiar temporariamente essa resolução, convidando o a acompanhá-lo ao seu esplendido dominio de Birchwood, onde seria seu hospede e de sua mulher Ellen Johnston.

«Não contente com isto, Johnston occupou-se da situação financeira do amigo, tentando melhorá-la.

«A propria esposa de Johnston, a qual pouco depois d'um anno após a morte do marido e, segundo se diz, por desejo expresso por este á hora da morte, casou com o conde, sentiu immediatamente um grande interesse pelo joven e elegante aristocrata.

«O sr. Hart, deve conhecer melhor todas as circumstancias e factos que se prendem a esta região do que eu, não se lembra que Johnston, que era um homem forte e novo, pois teria o maximo, trinta e cinco annos, morreu subitamente.

— Parece que apanhou um resfriamento durante uma caçada a que assistiu com o seu amigo Fairford e alguns convidados da vizinhança, retorquiu Hart. Logo em seguida á volta d'essa caçada, adoeceu com uma pneumonia que lhe deu a morte em poucos dias.

Antes de morrer podesse fazer testamento, instituindo herdeira da sua colossal fortuna e do actual castello de Fairford sua mulher, que se consola extraordinariamente depreza da perda do marido, encontrando compensação no amor do conde.

— O senhor diz extraordinariamente depreza, sr. Hart, replicou Holmes pensativo, isso faz-me pensar que Johnston dedicava funda affeição á esposa.

— Traxia-a, como costuma dizer-se, nas palmas das mãos, replicou o empregado criminal, pois não cessaria certamente com Ellen Baker, a filha d'um pobre operario, fazendo-a sua herdeira universal, se não lhe dedicasse uma forte affeição.

— E como vivia o conde de Fairford com a esposa?

— Segundo o que podiam apreciar os estranhos, viviam ambos felizes, apesar do conde, facto que difficilmente terá sido desconhecido da esposa, ter continuado, ainda em vida de Johnston, as relações com a sua antiga amante de Londres.

— Não conhece mais nenhum detalhe, sr. Hart?

— Não, sr. Holmes; parece-me até, segundo vejo com surpresa, que o senhor está mais bem informado acerca das andres do conde e de todos os segredos da sua vida, do que eu proprio, apesar de viver ha muitos annos em Epping, proximo das proximidades de Birchwood, como empregado da policia.

«Admito-me como lhe foi possível informar-se tão rapidamente do passado do conde. Ha apenas uma hora que o senhor recebeu a communicação do crime no castello de Fairford.

«Como obteve todos esses detalhes intimos! Sherlock Holmes sorriu, mas não respondeu ás perguntas do empregado da policia de Epping.

«Enquanto durara a conversação dos dois homens, o ligeiro cabriolet que os conduzia tinha feito grande parte do percurso entre Epping e Birchwood, atravessando prados explendidos e risonhas collinas.

«Estava-se n'uma manhã de verão e o sol brilhava com uma intensidade quasi tropical.

— Eis ali Birchwood,—exclamou de subito Hart, ao voltarem para uma estrada á direita, apontando para uma povoação pittorescamente situada no meio d'um bosque de betulas, e cujas casas, cobertas de telhas vermelhas, se destacavam do verde da folhagem.

— Vê ali, á direita da aldeia, aquelle pequeno grupo de villas, do meio das quaes emerge o edificio acastellado, com duas torres, n'uma das quaes se agita uma bandeira a meio pau? E' o castello de Fairford, para onde nos dirigimos; estaremos lá em poucos minutos.

«Animos os cavallos que apressaram mais ainda o andamento e, pouco depois, tendo feito um rodeio para não atravessar a povoação, parou a uma porta das trazeiras do parque, pois a entrada principal continuava assediada por velhos e novos, na ancia de verem alguma coisa.

Um agente de policia de Epping esperava já ha algum tempo a chegada de Hart e do celebre policia que o juiz de instrução de Epping tinha mandado chamar a Londres, para vêr explicado rapidamente o terrivel crime.

Hart entregou o carro ao cuidado do agente, encarrregando-o de conduzir os cavallos á cavalleria, e penetrou no parque, acompanhando o celebre criminalista, a seu pedido, ao ponto onde fôra encontrado de manhã cedo pelos dois vagabundos o cadáver da infeliz condessa.

CAPITULO II

O exame do local do crime

— Não sei porque não hei de examinar, antes de mais nada, o logar onde foi encontrado o cadáver da condessa,—exclamou Holmes para o seu companheiro,

ao penetrar no parque;—gosto de trabalhar só e sem que me incomodem.

«Espero que terá deixado a morta no mesmo sitio onde a encontraram.

— Com certeza,—retorquiu Hart.—Esperávamos a sua chegada, para lá então a levantarmos d'alli.

— Bem, vamos lá.

Alguns minutos depois os dois homens tinham chegado a uma vala, bastante larga, aberta-junto da alta grade de ferro que rodeava todo o parque.

A vala ou fosso estava cheia até quasi ás bordas, d'agua estagnada, cheirando mal; os bordos da vala eram cobertos de juncos.

No meio das plantas achava-se o cadáver d'uma mulher, quasi junto da margem do fosso que davam para o interior do parque.

Os cabellos negros, muito compridos, espalhavam-se sobre a agua.

No rosto, d'uma côr acinzentada, destacavam-se os olhos, deambulamente abertos.

A infeliz tinha os braços estendidos, perpendiculares ao corpo, e as mãos estavam contrahidas, pouco saindo além da superficie da agua, pois o tronco estava quasi todo submerso.

A parte inferior do corpo estava expetada na areia lodosa.

Vestia um traje de seda clara, que estava todo rasgado e cheio de lodo e sangue. E quando Sherlock Holmes se curvou, sem pedir para isso licença ao agente que estava de guarda ao cadáver, e começou a examinar mais detalhadamente a morta, reparou logo em numerosas faxetas ou punhaladas que se encontravam, tanto na cabeça como no resto do corpo.

Não escapou ao olhar agudissimo de Sherlock Holmes que na mão direita da morta, horivelmente contrahida, se achava um minucioso farrapo de fazenda.

Durante alguns minutos, o genial policia examinou o cadáver com minuciosa attenção; parecia estudar com extremo cuidado o menor ferimento, sem, contudo, tocar na morta.

Dedicou em seguida o maximo cuidado ao exame do terreno nas proximidades do cadáver. Ao vêr o grande numero de pégadas que se cruzavam em todas as direcções, não conteve um gesto de contrariedade.

Levantou, finalmente, a cabeça e, ao contrario da expectativa de Hart, que ia dirigir-se para um alto condaente á entrada das trazeiras do castello, o policia atravessou um largo prado, seguindo alli, á maneira dos pelles-vermelhas, os vestigios que se viam na herba e a que Hart passou tambem a prestar attenção.

Segundo a opinião do juiz d'instrução, o cadáver

do conde igualmente assassinado, teria sido arrastado através do prado.

Tinhão sido encontrados no local alguns objectos manchados de sangue, que se reconheceram pertencerem indubitavelmente ao conde.

Hart quiz seguir o grande policia, mas Holmes, com um gesto, significou-lhe que se conservasse afastado, para não pizar os vestígios deixados na herba.

Só depois que Holmes acabou as suas pesquisas no parque é que se dirigiu ao castello com Hart. Encontráram-no rez-do chão do castello, reunidas no salão de recepção, as autoridades: o major de Birchwood; o juiz de instrução; o coronel Cook e o commissario de policia Thompson, estes ultimos de Epping. Além d'estes estava tambem presente o antigo advogado e notario de Epping, Campbell, que havia alguns annos já que deixára os seus clientes e passára a habitar em Birchwood. Era ti o por todos como muito conhecido das circumstancias mais intimas da vida dos condes, e fôra amigo do antigo possuidor do castello, o primeiro marido da condessa de Faiford.

A chegada do celebre criminalista Sherlock Holmes foi acoilhido com alegria.

O policia foi apresentado summariamente a todos. Em seguida, passou rapidamente a inspecionar o interior do castello, do qual, como lhe communicára em caminho Hart e lhe fôra confirmado pelas autoridades, a condessa devia ter fugido para o parque, para escapar aos assassinos que a tinham assaltado, e ao marido, no quarto de dormir.

O conde de Faiford, na opinião d'elles, tinha sido arrastado através do parque, já cadaver.

Tinhão sido encontrados, sobre o prado que Sherlock Holmes tão cuidadosamente pesquisára, um par de punhos manchados de sangue e um lenço, que o creado de quarto do conde reconheceu como sendo propriedade do amo.

Sherlock Holmes começou a sua visita no rez-do-chão. A porta envidraçada que dava para o jardim e cujos vidros se achavam parsi os, estando os fragmentos espalhados no oleado que cobria o corredor, proporcionára provavelmente aos criminosos uma facil entrada.

Segundo parecia, os bandidos tinham subido immediatamente a escada que conduzia ao primeiro andar, onde eram situados os quartos dos condes.

Holmes observou com devida attenção a escada. No patamar via-se uma grande mancha do sangue e sobre o ultimo degrau havia um verdadeiro lago, que a todos horrorisou.

Holmes não dissera ainda uma só palavra, o que motivára grande desapontamento dos senhores da commissão de inquerito, que o seguiam quasi todos.

Apenas o medico do tribunal de Epping, dr. Cook, tinha ficado n'uma sala do rez-do-chão, para proceder ao exame do cadaver da condessa.

Sherlock Holmes pediu que fosse feito o exame immediatamente, para conhecer o resultado logo após a sua visita ao castello. Em silencio, subiu a escada e dirigiu-se para uma porta onde se via a impressão d'uma mão ensanguentada, que a ella se apoiára.

Adivinhára instinctivamente que era a entrada para os quartos de dormir. Depois d'observar durante alguns momentos as impressões da mão, abriu a porta e penetrou no quarto, pedindo as pessoas que o acompanhavam que se detivessem no limiar.

Era um boudoir, elegantemente mobiliado, tendo as paredes forradas de seda amarella. O policia olhou em volta. Nada de extraordinario se via. Apenas alguns fanteus tombados. Holmes fez signal aos seus companheiros para se aproximarem e dirigiu-se ao quarto de dormir, onde relevava uma desordem indescritivel.

Os moveis tinham sido lacoados por terra, uns sobre os outros; conhecia-se distinctamente que uma luta horrivel se travara ali. No meio do quarto achava-se tombada uma meizinha de marmore, rodeada de fragmentos d'um precioso servico de porcelana; algumas pedras do assuac tinham cahido d'um assuacero que se quebrára.

Todos os objectos que tinham estado sobre o marmore do fogão, viam se agora, feitos em mil pedaços, sobre o fôfo tapete que cobria inteiramente o parque.

Os valiosos vasos de porcelana de Meissen tinham cahido, assim como o relógio, cujo mostrador marcava uma hora e um quarto.

Os cortinados de leite tinham sido arrancados e estavam feitos em tiras; a elegante secretaria fôra arrombada e tudo que enchia as gavetas fôra reme-chido.

Os fôrros das poltronas estavam cortados, de fôrma que a crina tinha sahido pelas aberturas.

Por toda a parte e sobre todos os objectos se viam manchas de sangue.

O juiz d'instrução aproximou-se de Sherlock Holmes:

— Naturalmente, o senhor Holmes tambem é de opinião que era numeroso o grupo dos assassinos e que deve ter havido aqui uma luta horrivel entre elles e as suas victimas.

— Devia ter sido então um bando de criminosos absolutamente desvairados e enlouquecidos, — replicou Holmes. — Não comprehendo bem porque motivo necessitariam partir tudo; de resto, não é, quanto a criminosos, certo que tenham sido mais que um, os criminosos.

— N'esse caso, labora em erro, segundo a minha

maneira de vêr, senhor Holmes, — retorquei o juiz d'instrução. — Devem ter sido cinco os bandidos.

— De onde condes isso? — inquiriu o genil policia, sorrindo maliciosamente.

— Primeiro, porque a obra d'estes vandalos não podia ter sido feita apenas por uma ou duas pessoas; em segundo lugar, em virtude d'um facto que descobrimos na sala de jantar, situada tambem n'este andar. O bucho concordára comigo depois de lá ter estado. Deixei propositalmente tudo no mesmo estado em que estava.

Sherlock Holmes não ouvira as ultimas palavras do juiz; curvára-se e puzera-se a examinar com devida attenção o tapete.

— Segundo parece, os donos do castello tomavam aqui o chá, quando se deu o assassinato, — disse, voltando-se para o magistrado.

— Effectivamente, sr. Holmes, — replicou o juiz, — os restos do chá no baldo partido e o assuac espalhado pelo chão provam que os condes estavam tomando chá no quarto; só me parece estranha a hora em que o faziam. Não é provavel que o tivessem feito á hora que marca o relógio.

— Effectivamente, não é natural que estivessem tomando chá á uma hora e um quarto da madrugada, — replicou Holmes. — Crio poder apresentar-lhe provas de que tal facto se passou muito mais cedo.

Com estas palavras pegou no relógio que ficára intacto sobre o tapete, collocou-o com cuidado sobre o marmore do fogão, abriu a portinha de vidro que abrigava os ponteiros e avançou lentamente o ponteiro dos minutos até á meia hora.

No mesmo momento, o relógio deu as dez horas.

— Ouve, meus senhores? — exclamou Holmes. — Ouve quantas horas dá o relógio? Eram dez horas quando estavam tomando chá e quando a condessa foi assassinada. Como vêem, as creaturas que operaram aqui não eram sómente fêras, eram tambem homens que sabiam calcular.

«Queráram, propositalmente, provocar um engano, avançando os ponteiros do relógio, mas esqueceram-se de regular o bater das horas em conformidade.»

«Provavelmente quizeram fazer crêr que o assassinato foi commetido depois da partida do ultimo comboio para Londres. Seja como fôr, não apenas aprendizes, porque se fôsem habituados do crime não se teriam esquecido de regular o bater das horas.

«Concorda comigo, senhor inspector, em como o crime foi praticado antes das dez horas?

«Se supusermos e se partirmos do principio que o mechanismo que dava as horas regulava bem anteriormente, concordou!

— Nós temos, porém, outras provas conducentes a affirmarem nos que o assassinato se deu antes das dez

horas, — exclamou Holmes, aproximando-se dos leitos, que submettem a um exame raincioso. — Iria apostar que nem o conde nem a condessa tocam no leito e é natural que ainda estivessem tomando o chá á hora que o relógio nos annuncia.

Assim dizendo, levantou o docei que estava cahido sobre o leito e afastou os cortinados de seda.

Chamou em seguida os circumstantes e pediu-lhes que examinassem os leitos.

— D'esta vez parece me que não pôde negar que se enganou, senhor Holmes, — exclamou o major de Birchwood, sorrindo satisfeito. — O conde estava deitado aqui; até um cego via isso. A minha opinião é que a condessa estava vestida e não se tinha deitado ainda, mas o conde fôra repousar mesmo antes da esposa ter acabado de tomar o chá e, provavelmente, adormeceu logo.

— Assim parece, — interrompeu o juiz d'instrução; — concordo plenamente com a opinião do major. Esta opinião é confirmada pelo resultado das outras pesquisas a que procedemos. Segundo estas, a condessa foi atacada quando se achava ainda sentada á meza do chá. Fugiu em seguida para o parque, até ao fôssco onde tornou a lutar, com a energia que dá o desespero, contra os assassinos que a perseguiam. Não só aqui no quarto, como junto do fôssco, existem vestígios que demonstram claramente que a pobre senhora tudo tentou para não perder a vida.

«Terve, porém, de succumbir perante a superioridade dos adversários. Os bandidos mataram-na e lançaram para entre a vegetação da margem do fôssco. O conde, ao contrario, foi assaltado enquanto dormia e assassinado na cama. Em seguida, os assassinos arrastaram o cadaver através do parque, na intenção de o lançarem igualmente ao fôssco.

«A herba do prado, nas proximidades do fôssco, onde encontrámos o lenço manchado de sangue e os punhos, tambem ensanguentados, do conde, demonstra que sobre ella foi arrastado o cadaver d'um homem.

«Em seguida, porém, os assassinos mudaram de resolução e preferiram levar o cadaver para qualquer esconderijo que ignoramos.

O juiz d'instrução fitou com ar de triumpho, o policia, cujo rosto mostrava claramente que não concordava com a explanação dos dois homens.

Vendo que o policia não se resolvia a responder, exclamaram com impacientes:

«Então, fale, senhor Holmes! Tem de confessar que temos razão!

«Julgum isso? perguntou Holmes lentamente. La mento ter de lhes affirmar que o que, até aqui, tenho visto, me conduz a um resultado bem differente. An-

tes de mais nada, affirmo que o conde não tocou n'este leite nem n'elle se deitou.

—Suppõe então que Fairford ainda não se tinha deitado? exclamou, agitado, o major. Não, meu caro, não pôde ser. Conheci muito bem Fairford; não era homem que se deixasse dominar, estando acordado. Se, portanto, ás dez horas, elle ainda não estivesse deitado, como o sr. Holmes suppõe, ter-se-ia dirigido logo ao quarto seguinte, de cujas paredes pendem armas de todas as especies e teria feito debandar os criminosos.

—Vê-se que o conde não esteve no leite, retorquiu Sherlock Holmes, reparando nas dobras da roupa. Se tivesse sido assassinado na cama, deveriam existir aqui algumas peças de vestuário e bastantes manchas de sangue. Alguem se rebolou sobre o leite, para fazer suppor que Fairford esteve deitado; é fácil, porém, perceber o engano. Da mesma forma, é insustentável a sua opinião acerca do assassinato do conde. Affirmo que não era o cadáver de Fairford que foi arrastado através do parque. Quando ali voltarmos demonstrarei que tenho razão; quasi me atreverei a assegurar que o conde não foi assassinado, nem aqui nem em qualquer outra parte, mas que a condessa é que foi morta aqui, com uma punhalada, sendo arrastada em seguida até ao fôso.

—Não é possível; o senhor está enganado, exclamaram o major e o juiz, quasi simultaneamente. Os vestígios e pégadas junto do fôso provam exuberantemente que a condessa de Fairford teve ainda uma luta terrível com os criminosos.

—Não posso senão manter o que disse ha pouco, replicou o policia socoagadamente; espero que o doutor Cook, que está procedendo ao exame do cadáver, venha confirmar o que affirmo com as suas observações. Passemos aos outros apontamentos, para que eu possa continuar as minhas pesquisas.

Entraram no gabinete de trabalho do conde, onde era espantosa a destruição.

A massica secretaria de cavallo estava arrabalhada e estalada por todos os lados; os livros estavam tirados das prateleiras e espalhados pelo chão; os estofos achavam-se todos golpeados.

—Aqui, o criminoso ou os criminosos trabalharam com um machado, exclamou Holmes, e nem se deram ao trabalho de arremover as fechaduras.

—Effectivamente, sr. Holmes, está acto de vandalismo foi praticado com um machado, retorquiu o juiz d'instrução, que o senhor encontrará n'outro compartimento. Um dos creados affirmos preempitoriamente pertencer o machado á casa.

—E' por isso que supponho que, pelo menos, um dos criminosos pertence ao pessoal do castello.

—Segundo o que me communicou o sr. Hart, to-

dos os creados tinham licença para passarem a noite em Londres, com o fim de assistirem a uma festa? inquiriu Holmes.

—Sim, sr. Holmes. Um antigo servo do castello partia para a India no dia seguinte com o patrão, um coronel que para ali fôra transferido, e convidou todos os seus ex-compañheiros para passarem uma noite divertida n'uma taberna londrina. Todos elles tomaram parte na festa, como prova um telegramma que recebemos do taverneiro a quem fizemos telegraphicamente a pergunta, e só voltaram esta manhã, quando já tinhamos iniciado a instrução d'este caso. Apenas um dos creados não passou a noite na «Taberna da Ancora d'Ouro», no Strand. Esse homem despediu-se bem de noite dos compañeiros; logo á chegada a Londres, dizendo que tinha varios assumptos a tratar, mas prometteram juntar-se-lhes na «Ancora d'Ouro», não voltando a apparecer até agora.

—E' possível que fôsse elle quem fornecesse aos outros bandidos o machado para o arrombamento dos moveis, onde procuravam dinheiro. Com certeza que foi esse homem quem deu conhecimento aos criminosos do bando da existencia de muito dinheiro no castello.

—Então o conde de Fairford costumava fallar com os criados acerca dos seus negocios de dinheiro? perguntou Holmes surprehendido.

—Isso não replicou o juiz. O criado do quarto, que affirma ser o conde muito pouco communicativo, tambem ficou muito admirado de Henry Saldon saber da existencia do dinheiro. O que é certo é que o conde lhe fallou no dinheiro.

«Dois compañeiros de Saldon já nós apanhámos; são dois vagabundos que dizem ter descoberto de madrugada junto das grades do parque, no fôso, o cadáver da condessa. Nenhum d'elles quer confessar em que occupou o tempo desde hontem á noite, ás sete horas, até hoje de manhã, apesar de termos insistido vivamente para que o dissessem.

«Deve confessar, sr. Holmes, que tivemos razões sufficientes para os prender como suspeitos de terem commettido o crime. E' claro que só avisaram o major da sua descoberta, no intuito de afastar de si as suspeitas.

«Sabemos, portanto, quem são tres dos criminosos; falta nos somente descobrir os dois restantes.

—Sou forçado a dar-lhes os parabéns, disse, sorrindo ironicamente, Sherlock Holmes. Posso saber porque motivo insistem na supposição que sejam cinco os criminosos?

Em vez de lhe responder, o juiz convidou o grande policia a seguir o á sala de jantar, situada em frente dos aposentos do conde, de outro lado do corredor.

A sala estava confortavel e ricamente mobiliada e tinha sido poupada á furia dos bandidos.

Acompanhados pelas restantes autoridades, o juiz e Sherlock Holmes aproximaram-se da meza, coberta de restos de comida de varias especie.

Viam-se lá bem dez garrafas vazias e cinco copos.

O juiz d'instrução apontou para os copos e para o mesmo numero de cadeiras, postas em volta da meza.

—Como vê, sr. Holmes, disse, os cinco criminosos banquetearam-se depois de executado o trabalho e mostraram um bello appetite e uma sêde respeitável: a cada homem couberam duas garrafas.

Sherlock Holmes, que pegara n'uma das garrafas, para se assegurar pelo cheiro de qual tinha sido o contêudo, sorriu:

—Tudo isto foi preparado de proposito, declarou em tom de absoluta convicção. Tal qual como a cama! Por estes copos não foi bebida nem uma gotta de vinho.

—Não? exclamaram todos agitados; como poderá provar o que affirmo?

—Muito simplesmente, replicou o policia. Quer ter a bondade de fazer vir á nossa presença immediatamente o criado de quarto do conde, sr. Hart.

Curvando-se silenciosamente, Hart apressou-se a atender ao pedido de Holmes, voltando alguns minutos depois, em companhia d'um criado de idade avançada e cuja apparencia digna infundia respeito.

—Ora diga-me, meu amigo, inquiriu Sherlock Holmes, o senhor conde guardava sempre um numero bastante elevado de garrafas na sala de jantar?

—Não, senhor, replicou o velho, o vinho que ha em casa está sempre todo na cave; eu lá todos os dias busco as garrafas necessarias para as refeições.

—Bem. Não havia então nunca aqui um determinado numero de garrafas em deposito?

—Nunca, senhor.

—Nem mesmo garrafas já abertas e meio gastas?

—Não. Iam logo para a cozinha e lá esvaziavam-se.

—E onde guardavam as garrafas vazias? continuou Holmes.

—Aqui em baixo, no bufete. Quando estava reunido um certo numero, eram levadas então para a cave.

—Pego-lhe que veja na parte de baixo do bufete se estão lá tantas garrafas quantas, na sua opinião, deviam estar.

O criado abriu as portas da parte inferior do bufete e abanou a cabeça:

—Não, não ha aqui nenhuma, e, segundo a minha opinião, deviam existir, pelo menos, seis garrafas va-

zias; além d'isso, ainda estavam aqui mais quatro garrafas com vinagre. O vinagre tinha sido mettido em garrafas com rotulos de vinhos francezes.

—Agradeço muito as suas informações, meu amigo, exclamou Holmes, despedindo o criado e voltando-se para os circumstantes.

—Então, sr. Holmes, quiz? Quer ter a bondade de cheirar esta garrafa? Achas que é o aroma d'um bom vinho do Médoc ou de Borgonha? O meu offacto diz-me que é um cheiro pronunciado a vinagre que sae d'essa garrafa.

—Effectivamente, sr. Holmes, retorquiu o juiz de instrução surprehendido, é vinagre.

—O cheiro dos copos é identico, continuou Sherlock Holmes, e aqui tem as seis garrafas vazias que, na opinião do criado, deviam estar dentro do bufete.

Julga ainda que possa festejar-se com vinagre e garrafas de vinho vazias uma bacchanal? Julga que alguém tenha morto a sêde com isso? Acreditem, meus senhores, que esta meza foi posta assim para obter um determinado fim. Nunca estiveram sentados aqui cinco bandidos; ou somente bastou para pôr em scena toda esta intrigue. Vamos agora ao quarto onde encontramos o machado.

Pouco tiveram que andar, pois o quarto em questão era situado junto da sala de jantar; o machado estava junto d'um armario.

—Como vê, disse o juiz, o criminoso tentou abrir o armario, mas não acabou o trabalho, provavelmente por ter sido chamado por um dos seus complices, por qualquer motivo. Com a pressa esqueceu aqui o machado.

—Se me dão licença, interrompen o advogado, dr. Campbell, direi que o machado foi trazido para aqui e o armario foi atacado apenas com o fim de desmortear as pesquisas.

«Para abrir o armario, onde só podiam suppor que houvesse peças de vestuário e dinheiro, não era necessario um machado tão pesado. A porta do armario era facil de abrir com um ligeiro empuxão. A pessoa em questão deu apenas uma pancada com o machado e, em seguida, pozizou o socoagamento no chão.

—Oh! não; socoagadamente não! replicou Sherlock Holmes; o machado foi largado rapidamente, n'um movimento subito de terror.

«Isso vê-se bem pelos vestígios deixados no chão. Não se pode dizer que isso fôsse proposito. Suppondo-se então lá tantas garrafas quantas, na sua opinião, deviam estar.

«O criado abriu as portas da parte inferior do bufete e abanou a cabeça:

—Não, não ha aqui nenhuma, e, segundo a minha opinião, deviam existir, pelo menos, seis garrafas va-

«Como se vê pelos vestígios deixados, não pouseu tranqullamente. Deixou de perceber n'este ponto, pela primeira vez, a forma calculada e preconhecida como os criminosos procederam até aqui. As minhas combinações são um pouco destruídas por este machado».

—O seu systema está abalado por este facto? perguntou o advogado, em ar de duvida. Eu julgo que o senhor está seguindo a verdadeira pista. As manipulações dos criminosos na sala de jantar e no quarto de dormir fazem crer, effectivamente, que os assassinos procederam segundo um plano, no intuito de cullear a justiça n'uma falsa pista, dando-lhe um caminho d'antão trágico. Eu, por minha parte, não creio que os criminosos sejam vagabundos.

«Supponhamos que o homem que estava junto do armário viu realmente no parque os dois vagabundos que dizem ter descoberto esta manha o cadáver. Se elle se assustou tanto ao vê-los, é porque elles não eram seus cúmplices».

O grande policia fôto surprehendido o advogado. As palavras d'este, demonstrando não ser elle da opinião dos restantes, que julgavam ter encontrado já dois culpados, chamaram-lhe a attenção. Resolveu pois, observar mais cuidadosamente o velho jurista, que conhecia já ha annos, a vida intima do castello.

Talvez o doutor Campbell lhe pudesse contar factos interessantes e mais para a ulterior instrução do processo, ácerca do passado dos condes e do fallecido Johnston.

Campbell parecia não querer falar para não discordar do juiz d'instrução. Este pareceo resentido pelas palavras do advogado.

—Como, sr. Campbell? exclamou. O senhor duvida da culpabilidade dos dois vagabundos? E' essa tam bem a sua opinião sr. Holmes?

Sherlock Holmes decidia aproveitar a occasião favoravel para pôr á prova o advogado, fingindo collocar-se do lado do juiz d'instrução.

—Não, sr. juiz, respondeu. Como os dois homens não são capazes de provar onde passaram a noite, acho que ha razão para suspeitar d'elles. Se o senhor conseguir fazê-los falar, talvez se esclareça immediatamente o mysterio do crime. E' para lamentar que não esteja presente esse tal Saldon, o creado que desapareceu sem deixar vestígios.

Ao dizer estas palavras, Sherlock Holmes lançou um olhar de soslaio ao advogado e viu que este ficára desapaetado. Quando se dirigiam d'ahi a pouco todos ao parque, para que Holmes perseguisse nas suas indagações, Campbell aproximou-se do policia, segredando-lhe:

—Não comprehendo, sr. Holmes! Accredita realmente, no que disse ao juiz d'instrução?

Em vez de responder, Holmes riu baixinho e o

advogado que percebeu que cahira n'uma ratoeira, riu também.

Os dois homens tinham-se comprehendido. Sherlock Holmes ficou sabendo que Campbell albergava qualquer suspeita ácerca dos verdadeiros culpados d'aquelle terrivel crime, mas que não queria deixar transparecer levanamente essas suposições.

O policia resolveu empregar todos os esforços para fazer falar na primeira occasião favoravel o velho advogado. Tinha chegado ao parque e dirigiram-se logo para o fôssco onde fôra encontrado o cadáver.

—E aqui o ponto, sr. Holmes, começou o juiz d'instrução, onde, na minha opinião e na d'estes senhores, a condessa de Fairford, que fugira do castello até aqui, foi morta pelos bandidos e lançada no fôssco.

«Em vista das numerosas pégadas que se vêem junto da margem do fôssco, tenho a certeza que será da nossa opinião».

Sherlock Holmes abanou a cabeça.

—Nem de leve sou da mesma opinião, replicou com o maximo sugeço e precisão. Faça o abseque de se assegurar que todos estes vestígios na areia provêm da mesma ponta do pé? Para haver lucta é necessario haver, pelo menos, duas pessoas: a que ataca e a que é atacado. Necessariamente se differenciam as pégadas d'ambos os contendores. Não é, porém, este o caso. A condessa estava já morta, antes de ser arrastada para aqui e lançada para sobre as plantas que revestem a margem do fôssco.

—Effectivamente, interrompeu o advogado, que continuára curvado, a examinar as pégadas, tem razão; todos estes signaes na areia, provêm da mesma pessoa. E' fôrça de duvida.

«Pegaram na condessa pelos hombros e puxaram-na por sobre a herva, de fôrça que a larga facha d'herva abrida provém dos vestidos da morta. Se fôsse o conde a pessoa arrastada atravez do parque, ou a cabeça deixaria um sulco estreitissimo ou os pés deixariam dois sulcos parallelos, conforme o arrastassem pelos pés ou pela cabeça».

«Também se vêem distinctamente os vestígios do homem que arrastou a condessa».

Depois de terem examinado todos o prado delimitado, tiveram de confessar que Sherlock Holmes tinha, mais uma vez, razão.

Dirigiram-se em seguida ao castello, na intenção de ouvirem o resultado do exame feito pelo dr. Cook ao cadáver da condessa.

CAPITULO III

Culpado ou não?

O doutor Cook acabára n'esste momento o seu exame.

—A condessa, declarou, recebeu doze punhaladas. D'estas, só uma era mortal e produziu lhe morte instantanea. Vejam, meus senhores: é este golpe aqui, na nuca.

«Estes outros, que o cadáver tem no pescoço, no peito, no braco e nos hombros, não eram tão perigosos e foram feitos depois da condessa estar morta».

«O instrumento do crime foi um punhal, cuja lamina deve ter, pouco mais ou menos, quatro centimetros de comprimento. Supponho que entro o momento em que a condessa de Fairford recebeu o golpe mortal na nuca e o momento em que lhe foram feitos os restantes ferimentos, mediarão pelo menos, duas ou tres horas».

—E como explica o doutor este ponto, junto do olho direito, cheio de sangue pizado? inquiriu Holmes.

—A condessa, replicou o medico, recebeu uma pancada, depois de morta, com um instrumento contundente.

—N'esste caso, as suas observações são uma prova que eu não me enganei affirmando que a condessa foi assassinada no seu quarto, disse Holmes. Dá-me licença que examine o cadáver, doutor?

Sherlock Holmes aproximou-se do cadáver, que se achava estendido sobre uma meza, e examinou primeiro o ferimento da nuca.

—Não ha duvida, continuou. Este ferimento foi feito quando ella se achava ainda sentada á meza do chá. A direcção do golpe prova-me que a condessa foi ferida pelo punhal do assassino, que se estava de pé, por detrás d'ella, no momento em que se achava um pouco curvada para diante.

«Com a violencia do golpe, bateu com o rosto contra a esquina da meza, e d'ahi provem a pizadura sob o olho direito».

—Concordo plenamente com o seu modo de ver, replicou o medico. A sua perspicacia faz-me encontrar com maravilhosa rapidez a unica explicação verdadeira para a pizadura que o cadáver apresenta no

rosto. Seria muito interessante, se me diássemos da que fôrça é capaz de explicar o motivo porque soppocho que os restantes ferimentos não fôrão feitos na mesma occasião que o golpe na nuca.

Holmes levantou o lençol com que o medico cobrira o cadáver até ao pescoço e depois de examinar durante quito minutos os ferimentos no tronco do cadáver, replicou:

—O ferimento na nuca segue uma direcção obliqua, porque o punhal atingiu a condessa quando ella se achava curvada para deante, enquanto que os outros ferimentos demonstram claramente terem sido feitos quando a victimina se achava já morta, cahida por terra, e achando-se o criminoso curvado sobre ella. Affirmo isto, porque a direcção dos golpes é perfeitamente vertical.

—Effectivamente, foi essa a conclusão a que cheguei, exclamou o medico, não differenciam a sua admiração. Declaro que os restantes golpes fôrão vibrados algumas horas depois do primeiro, esse mortal, vibrado na nuca.

—Creio que a affirmação do senhor doutor é sufficiente, disse então Holmes, voltando-se para o mayor, o advogado e Hari, para destruir a sua theoria da lucta da condessa com os assassinos, junto do fôssco.

«Depois das declarações do sr. Cook, creio que não poderão duvidar mais da exactidão das minhas palavras, quando affirmei que a condessa fôra assassinada no quarto de dormir. Na minha opinião, trata-se apenas d'um criminoso. Toda a obra de destruição nos quartos e a meza posta de fôrça a parecer que tinham sido cinco os conivias, tudo foi feito pelo criminoso com o fim de fazer acreditar que um grande bandal de facinorosa invadiria o castello durante a noite. O senhor juiz prendeu os dois vagabundos e suspeita do creado Saldon, mas, na minha opinião, todos os tres estão innocentes. Temos de procurar o culpado, que é uma pessoa bem differente d'esses tres pobres diabos. Não acha, senhor Campbell? continuou, voltando-se para o advogado».

Antes que Campbell pudesse responder, a attenção das pessoas presentes foi sollicitada para um forte ruido vindo do pátio e da rua.

Ao mesmo tempo foi aberta subitamente a porta do quarto e um homem novo, com o rosto rasgado, foi empurrado para dentro do aposento, apesar de toda a sua resistencia, pelos agentes de policia da aldía.

Atraz d'estes vinham os creados do castello, acompanhados d'alguns habitantes da terra.

Com muito custo, conseguiram os policias de Epping, que se achavam presentes, impedir a entrada da multidão, forçando-a a retirar-se.

—Prenhemos Saldon, exclamaram os companheiros do preso, trazemos-lhes o assassino!

— Onde effectuaram a sua prisão? inquiriu o mayor.

— Proximo da taberna da aldeia, respondeu um dos homens. Ia a entrar, para beber, apesar de já estar embriagado. Ao vêr-nos, pretendia fugir, mas nós conseguimos agarrá-lo. Custou nos muito a domá-lo e a trazê-lo aqui, pois pretendia evadir-se.

— Não comprehendo com que direito querem privar-me da minha liberdade, exclamou Saldon, tremendo de fúria e indignação. Que fiz eu? Chamam-me assassino, meu Deus?

O seu olhar fixou-se então no cadáver da condessa.

— Meu Deus! Que se passou aqui? Mataram a senhora? Dizeis então que sou eu o culpado da sua morte?

Profundamente commovido, impressionado pelo aspecto horrível do cadáver, o desgraçado cahiu sobre uma cadeira, chorando affectivamente.

— Sim, a condessa de Falford e o conde foram assassinados esta noite, pronunciou gravemente o juiz d'instrução, e recuem sobre o senhor pesadas suspeitas de ter tomado parte no crime. Onde passou esta noite?

— Porque motivo não se reunia hontem á noite aos seus collegas, quando estes aproveitaram a licença concedida pelo conde para acederem ao convite d'um amigo para se banquetarem todos na Ancora d'Ouro? Na estação, sob pretexto de ter varios assumptos a tratar em Londres, separou-se dos seus companheiros, prometendo voltar mais tarde. Enquanto os outros passaram na «Ancora d'Ouro» alegremente á noite, voltando esta manhã para o castello, o senhor passou á noite não sabemos onde, só agora appareceu. Onde esteve durante toda a noite? E' a segunda vez que lho pergunto.

Saldon baixou a cabeça e pronunciou algumas syllabas, hesitantemente, fazendo, ao mesmo tempo, um movimento, como se procurasse uma arma no bolso, para se libertar talvez violentamente da sua critica situação.

Alguns agentes lançaram-se repentinamente sobre elle, agarrando-o pelos pulsos.

— Está bem, approvou o juiz. E' preciso manifestar-lhe a sua situação.

Apesar da resistencia que oppoz, os agentes de policia esvaziaram-lhe em poucos minutos os bolsos.

O recibo de que elle estivesse de posse d'uma arma, provou-se ser infundado, mas encontraram um *porte-monnaie* cheio d'ouro e um livrinho de apontamentos, ainda novo, tendo escripto na primeira pagina o endereço d'um armeiro de Londres.

O juiz d'instrução mandou collocar esses objectos sobre a mesa de trás da qual se achava sentado.

— O senhor tras muito dinheiro consigo, exclamou, voltando-se para Saldon, que heia abastado, sentado n'uma cadeira.

O magistrado abriu o *porte-monnaie* e pôz-se a contar o dinheiro.

— Eis a respeitavel somma de trinta libras em ouro! Deve concordar, sr. Saldon, que a posse d'esta quantia faz augmentar as suspeitas que recaem sobre a sua pessoa. Um dos seus companheiros, Owen Ross, a quem interrogamos esta manhã sobre as suas circumstancias e situação, declarou que o senhor se encontra constantemente em difficuldades de dinheiro. E vejo agora o seu *porte-monnaie* cheio d'esta manciella. De quem recebeu esta quantia.

Saldon permaneceu silencioso.

— Não responde? perguntou o juiz asperamente.

Fale, homem, confesse que roubou o dinheiro esta noite no castello. Confesse que, logo que chegou a Londres, voltou no comboio seguinte, para commetter aqui o crime de sociedade com alguns cúmplices.

«Só fazendo uma confissão completa pode esperar alguma benevolencia dos juizes».

— Estou innocente, senhor, apesar de todos os indicios serem contra mim! exclamou finalmente o desgraçado.

— Quer então negar que declarou hontem á tarde ao seu collega Ross, que o conde de Falford tinha actualmente grandes sommas de dinheiro em casa?

— Não nego, replicou Saldon, soube esse facto por acaso. Ouvi involuntariamente, uma conversa entre o conde e a condessa, disse que a senhora que não poderia dormir socegada, por se encontrar tanto dinheiro em casa.

— E essa conversa não lhe terá despertado a sensação de se apoderar d'essa somma? continuou o juiz.

— Estas trinta libras não pertencerão á essa dinheiro?

— Não, senhor! exclamou Saldon com firmeza. Que quer o senhor que eu lhe diga? A verdade? O senhor não me acreditaria e por isso é melhor calar-me.

— Reflecta primeiro! gritou o juiz, ameador. Se continua teimando em nada dizer, sou forçado a mandá-lo metter na prisão.

— Pelo amor de Deus! implorou Saldon, estou innocente, juro que estou innocente!

— Então fale.

Durante um momento, pareceu que Saldon iria falar, mas reconstituiu-se.

— Não, não! exclamou. De nada serviria, sei que estou perdido se não encontrarem o verdadeiro culpado.

Enquanto falava, o juiz tinha pagado no livro de apontamentos de Saldon, mas pousara-o immidia-

tamente sobre a mesa, porque nada encontrou n'elle que servisse de indicio contra Saldon.

— Bem, como não quer falar, continuou o juiz, vejo-me forçado a mandá-lo enclausurar. Vamos, erga-se, conduza esse homem para Epping e que seja mettido n'uma cela.

Quando os policas se preparavam para levar o indigitado criminoso, Sherlock Holmes levantou-se subitamente, dizendo:

— Peço-lhe, sr. juiz, que me permita fazer ainda algumas perguntas a Saldon.

Holmes obteve o consentimento pedido e voltando-se para Saldon, inquiriu:

— Diga-me, é seu este livro de notas?

Pegou no livrinho, que acabára de folhear rapidamente e mostrou-o ao interrogado.

— E' meu.

— Vejo escripto na primeira pagina o endereço de uma firma de Londres. E' escripto pelo seu punho?

No rosto de Saldon transpareceu uma terrivel hesitação, permanecendo silencioso.

— Então, fale! insistiu Holmes. E' o endereço de uma grande casa de ferragens e armas, o que está inscripto no seu livro. Deve ter tido um motivo para ter tomado nota d'esse endereço. Foi hontem á noite a essa loja? Comprou lá alguma coisa? O senhor disse aos seus companheiros, ao separar-se d'elles, que tinha que fazer.

— De nada lhe servirá esse silencio obstinado. Em poucos minutos poderemos communicar com a firma de Londres pelo telephone e saber se o senhor fez ali algumas compras. Vi ha pouco nos aposentos do conde um telephone que felizmente não destruíram.

— Sim, senhor, exclamou finalmente o creado, fui eu que tomei nota d'essa firma. Tinha de comprar ali alguns objectos por ordem do sr. conde.

— Que objectos eram esses?

Saldon hesitou novamente.

— Eram armas? perguntou Sherlock Holmes. Não responde? Bem; vou ao telephone e informar-me-hei em seguida.

— Foi uma thesoura, um punhal e um martello, replicou finalmente Saldon.

Estas palavras causaram grande sensação.

— Mantem a sua affirmacão, de que esses objectos foram effectivamente comprados por ordem do conde? Perguntou neste momento o juiz.

— Diga antes a verdade, Saldon. O senhor compron esses objectos para seu uso, e servia-se d'elles para assassinar o conde e a condessa.

— Disse a verdade, gemeu o creado, e, contudo, melhor fóra que me tivesse calado, pois com as minhas palavras fortaleci as suspeitas que recaem sobre mim. Infeliz que eu sou! Tudo parece congregar-se

contra mim, e a minha ida ao armeiro fará que me julguem irremediavelmente um assassino. Estou perdidol Como hei-de eu provar que não menti, se o conde está morto e não pôde declarar que foi realmente por sua ordem que comprei esses objectos!

— Á que horas procedeu a essa compra? perguntou Holmes.

— Logo que sahi da estação. Eram talvez oito e meia da noite, pois fechei a loja pouco depois.

— E onde estão essas armas agora? Se as tivesse comprado para o conde, devia ter as ainda em seu poder, e trazer as de Londres para aqui.

— Devia entregá-las a uma senhora, respondeu Saldon com voz trêmula, depois de uma luta intima. Procurei immediatamente essa senhora e entreguei-lhe tudo.

No rosto do juiz d'instrução desenhou-se um sorriso ironico.

— Quem é essa senhora e onde mora? perguntou.

— Não posso responder, replicou Saldon, com pronouncedo resco. Encontrei-me com ella n'um café situado na mesma rua em que se acha a loja da firma Phelps & Price.

— Não conheço essa senhora nem sei onde habita. O conde disse-me, para eu poder desempenhar-me d'esta missão, que era uma senhora nova, bella e loura, vestida de seda preta e trazendo ao pescoço uma cruz d'ouro, pendente de um cordão de coral.

— E supponho, Saldon, que vamos acreditar essa historia? exclamou o juiz indignado. Só falta agora que nos conte que recebeu essas trinta libras pelo recado que fez a essa dama.

— Se bem que não o acreditem, retorquiu Saldon, recebi effectivamente as trinta libras d'essa senhora! Não acreditam, não senhor, gritou o juiz de instrução enclausurando o senhor á d'um atrevimento inaudito, pretendendo enganar-nos com as suas invenções. Das suas declarações, só uma parece ser verdadeira e á de ter feito as compras na casa Phelps & Price. Agradeço-lhe, disse, voltando-se para Holmes, ter conseguido com as suas habéis perguntas, provar-nos que, pelo menos, este homem, tomou parte no crime da noite passada. Os tres objectos que elle comprou em Londres serviram para o crime. Foi um punhal que deu fim á vida da condessa; uma thesoura foi necessaria para cortar o estofado dos moveis, e o martello, naturalmente grande e pesado, foi utilizado, provavelmente, para assassinar o conde, cujo cadáver não pudemos ainda infelizmente encontrar.

Ouviu-se, subitamente, gritar no corredor, sentindo-se passos pesados que se approximavam da porta, a qual foi aberta com impeto, entrando tres homens no aposento.

Eram dois agentes e Owen Russ, o creado de quarto do conde.

— Que nos trazem, senhores? perguntou o juiz. Descobrimos o conde?

— Não o encontramos, replicou um dos agentes, mas achámos um objecto que talvez nos esclareça sobre a identidade do assassino.

Descobrimos este casaco na cavidade do tronco d'um velho cavallo e o sr. Russ, o creado de quarto, afirma que o casaco pertence a Saldon. E o que é mais interessante n'isto tudo, continuou o agente, é este buraco na manga do casaco.

Um leve murmúrio se elevou quando o juiz, aproximando-se do cadáver da condessa, arrancou dos dedos da morta o pedaço da tecido que nelles se conservava e com elle tapou o buraco do casaco. O pedaço de pano, que se compunha indubitavelmente do mesmo tecido do casaco, adaptava-se perfeitamente á parte rasgada e não podia restar duvida que a infeliz, num gesto instinctivo de defesa, o arrancara da manga a que se se aferrára.

— Então, Saldon, exclamou o juiz Barclay, aproximando-se do supposto assassino, quer continuar a negar que seja o assassino da condessa, ainda mesmo em presença d'uma prova tão evidente? Este casaco pertence-lhe ou não?

— Pertence, replicou Saldon, a muito custo. Apesar d'isso, e a voz tornou-se lhe mais forte, tome Deus como testemunha de que estou innocente! Não sei como o casaco desapareceu do meu quarto e veio apparecer dentro do tronco do cavallo. Não posso comprehendê-lo como um pedaço da fazenda d'elle vem apparecer na mão da condessa. Não fui o causador da sua morte por mais que tudo se conspire contra mim e se amontou cada vez mais as provas de que sou um infame criminoso.

Depois d'estas palavras, ficou como aniquilhado. — Quer confessar ou não, Saldon? Pergunto-lhe pela ultima vez.

— Nada tenho que confessar; estou innocente! — Levem-não para a prisão, ordenou o juiz d'instrução. Este casaco manchado de sangue é o ultimo elo da cadeia de provas que affirmam a culpabilidade do accusado. Esperemos que se consiga em breve apanhar os dois restantes criminosos.

— Então o que diz isto, sr. Holmes? perguntou Barclay, voltando-se para o genial policia, cujo rosto mantivera a mesma impassibilidade durante toda a commovente scena. Não julga tambem que o principal criminoso está nas nossas mãos?

O grande policia encolheu os hombros.

— Chá-lhe ad replicou. Não estou muito convencido da culpabilidade de Saldon. Ainda não terminei as minhas pesquisas. O que consegui saber até aqui, in-

dica-me o caminho que devo seguir para chegar rapidamente a um resultado favoravel. Se m'o permite, irei ao quarto de trabalho do conde, antes que ponham os sellos nos varios aposentos, para telefonar á firma Phelps & Price. Desejo obter a certeza se são verdadeiras as declarações de Saldon acerca das compras que diz ter feito. Terei depois a honra de partir com os senhores.

— Kesperal e hemos e partiremos juntos, exclamou Barclay.

CAPITULO IV

Descobertas importantes

Em poucos minutos. Sherlock Holmes ponde constatar que eram absolutamente exactas as declarações de Saldon, quanto ás compras que fizera na casa Phelps & Price.

O creado estivera alli effectivamente, na vespera á noite, antes de fechar o estabelecimento e comprara uma tesoura, um punhal e um martelo, pagando immediatamente. Não explicou que a compra era para o conde. Sherlock achou muito importante o facto de não condizerem de modo nenhum as dimensões do punhal que Saldon comprara, com as da arma que produzira a morte da condessa.

— Continto com a mesma opinio, murmurou Sherlock Holmes, ao terminar a conversa telefonica com a firma de Londres; o assassinato da condessa e a destruição que aqui reina, são obra d'uma só pessoa e essa pessoa não é, com certeza, o creado Saldon.

— Tenho uma suspeita e aproveito esta occasião para repetir aqui a busca com acoço.

— Talvez encontre alguma coisa que confirme essa minha suspeita e que me prove que devo procurar o motivo do crime não na ancía da posse do dinheiro, mas sim em qualquer desintelligencia entre marido e mulher.

Passou a examinar com attenção um grande retrato do conde de Fairford, que pendia da parede n'uma grande moldura d'ouro.

O conde mostrava ter trinta e cinco annos e o artista que o pintára dedicara ao rosto particular cuidado. Observando ligeiramente, as feições davam uma impressão de amabilidade sympathica, mas um obser-

vador cuidadoso e perspicaz descobria uma certa expressão de maldade, augmentada pelo olhar duro e frio. A grande barba negra, muito cuidada, demonstrava certa vaidade pessoal.

— Os seus olhos e a sua cara não me agradam, meu rapaz, exclamou Holmes. Se descobrissemos o teu paradeiro, creio que teriamos em breve a exploração do mysterio que envolve este crime. Pensei em ti, logo que soube que tinhas dado licença para sahir-me para Londres, a todos os creados ao mesmo tempo. Reflectindo e passando em revista tudo que achava de passar-se, chego a acreditar nas destruições de Saldon. Seria, então, possível que o conde Fairford, para afastar de si as suspeitas, preparasse tudo para que Saldon fosse accusado.

— O bom juiz Barclay parece estar absolutamente convencido do culpabilidade de Saldon; os outros vão pela mesma; só o velho doutor Campbell, que habita já ha bastantes annos em Birchwood e conhece as circumstancias intimas dos donos do castello, é que suspeita, como eu, que o juiz esteja seguindo uma pista falsa.

— Diabol! — interrompeu Holmes as suas reflexões — que é aquillo na prateleira, por detraz dos livros?

D'um salto acabou-se junto d'um armario de livros e teve um leve grito de triumpho, ao tirar uma pequena caixa, collocada atraz dos livros, na qual ainda humido e um punho dobrado, ao qual se via que tinham sido uma navalha.

— Não panno e na espuma do sabão viam-se algumas pellos de barba negra, da mesma cor da barba do retrato do conde.

— Isto é uma descoberta maravilhosa, — murmurou Sherlock Holmes, aproximando-se do elegante toilet commoda, com um grande espelho, collocado junto da janella.

— Ah! tambem aqui alguns pillos! Não ha duvida; o senhor de Fairford! rapou a barba hontem á noite, separando-se assim do adorno de que, segundo se vê tanto se envidencia. Ora isto é muito para extranhar e demonstra que estou na verdadeira pista. Estou convencido que o conde de Fairford assassinou a propria mulher e que não está morto, nas immedições do castello, mas que, tendo destruido os grilhões, desappareceu para elle, do casamento, se puz em fuga. E para que não o conhecessem, rapou a barba.

— Alem d'isso, antes de abandonar o castello, procurou qualquer coisa que queria obter a todo o transa.

— Não era como certeza de dinheiro. Para o encontrar, não necessitava rasgar todos os estufos dos moveis.

— Quer qualquer outra coisa que queria apanhar?

— Qualquer coisa que talvez o compromettesse fortemente.

— E' possível que a esposa tivesse recusado a entrega d'esse objecto e o marido, furioso, a matasse.

— Por isso está tudo revolvido e remexido. Por isso é que, furioso pelo insuccesso das suas pesquisas, pegou n'um machado e começou a destruir armarios, commoças e a secretária. Por isso tirou quasi todos os livros das prateleiras e lançou ao chão todas as estatuas e porcelanas da chaminé. Teve, contudo sangue frio sufficiente para querer enganar sobre a hora do crime.

— Moven, propositadamente, o pesterio do relogio. A cama, em que não se tinha deitado, foi completamente escangalhada, para fazer supôr que se achava já dormindo quando a condessa foi assassinada.

— Resolver fazer errar a policia que tinha sido igualmente assassinado e arrastado depois atravez do parque.

— Os punhos e o lenço manchados deviam fortalecer mais ainda esta opinio. Era necessario fazer acreditar que esses objectos tinham cahido ao ser transportado o cadaver.

— Ora, porém, o conde quem arrastára a condessa do quarto da cama para o fosso, depois de a ter de posto durante algum tempo ao fundo da escada, para se assegurar se estaria o caminho livre. Propositadamente, deixou muitos vestigios junto do fosso, para fazer supôr que a condessa lutára alli com os seus assassinos.

— Fora por este motivo que introduzira entre os dedos da morta um pedaço da fazenda do casaco de Saldon.

— Subiu, em seguida, ao primeiro andar, para procurar tambem no armario o tal mysterioso objecto. Podia ter arrombado facilmente a porta do armario com um pontapé, mas achava-se possuido de tal excitação que tornou a pegar no machado.

— Tinha dado já o primeiro golpe contra a porta, quando ouviu ruído no parque e viu janella, na luz indecisa da madrugada, os dois vagabundos a trepar pela grade do parque, na proximidade do local onde jazia o cadáver da condessa. Fugiu, então rapidamente, a tirando para longe o machado, e sahio do castello.

— Assim é que se devem ter passado as coisas e o conde Rogerio de Fairford, é o unico culpado d'este crime.

— Uma das provas mais importantes para esta affirmacão é o achado das navalhas de barba e do punho, que eu vou guardar juntamente com a caixa.

— Vou conversar com o Campbell, o amigo do primeiro marido da condessa, pois parece-me que o mysterioso objecto que o conde procurava tão avidamente e que talvez tenha encontrado, se prende de qual fórma com a morte de Johnston e que Campbell não ignora

este facto. Em seguida despedir-me-hi dos senhores da justiça e parti para Londres, onde Harry me espera com certeza impacientemente.

«U valente rapaz, à quem devo principalmente as informações sobre a vida anterior do conde e que tanto espantaram Harry, preito-me, sem saber, um grande serviço.

«Foi um feliz acaso, o que attrahiu a attenção da policia de Londres sobre essa tal Flora Carr, a antiga amante do conde, em virtude das exaggeradas despesas que fazia, procurando-se saber de onde lhe provinha o dinheiro.

«You telephoner a Harry, já que a occasião se apresenta favoravel.

«E' quasi meio dia e elle deve estar em casa, segundo combinámos, presumendo que Flora Carr, em casa de quem elle está actualmente, disfarçado em creada de quarto, lhe tenha dado licença para sair.

Depois de ter guardado cuidadosamente a caixa com as navalhas n'um bolso do casaco, dirigis-se novamente ao telephone e pediu ligação para Londres.

Harry Taxon achava-se, felizmente, na casa da Bakerstreet.

— Bons dias, meu rapaz, como estás? Então, já sabes alguma coisa de positivo sobre a tua patrão?

— Tenho muitas novidades a dar-lhe, telephoner Harry.

— Arrêdoito. Não é verdade que *miss Flora* se encontrou hontem à noite, ás nove ou nove horas e um quarto, no Café de Paris, com um rapaz que lhe entregou um pacote?

— Com os demonios, sr. Holmes, como é que sabe tudo isso? exclamou o discipulo do grande policia, com uma voz onde se traduzia um enorme espanto. Effectivamente, assim foi.

— E não reparaste tambem que ella lhe entregou uma importante somma de dinheiro?

— Comego a crêr que o senhor adivinha, mestre! Eu adoptei o disfarce d'um velho *bon vivant*, para penetrar no café que, como bem sabo, só é frequentado por pandegos e mulheres do *demí monde* e fui sentar-me na proximidade de *miss Flora*, sem me tornar notado. Não me passou despercebido que Flora entregou ao homem, que parecia ser um creado de casa rica, trinta libras um ouro.

— *Miss Flora* trazia um vestido de seda preta e se o pescoço um cordão de coral com uma cruz d'ouro.

— Por Deus! Tambem sabe isso? replicou Harry. Foi eu que a ajudei a vestir-se, poucos minutos antes de a encontrar no Café de Paris, e tive que me apressar a transformá-la em um velho pandego, para não a perder de vista e poder segui-la até ao café!

— Reparaté-se ella, de manhã muito cedo ou antes do meio dia, recebeu a visita d'um homem elo-

gante, de cara rapada, que pôde muito bem ter sido o seu antigo amante, o conde Rogerio de Fairford?

— Tanto não sei dizer, retorquiu Harry. Flora dirigia-se para casa, logo que o homem que lhe entregou o pacote se despediu.

«Só muito difficilmente consegui chegar a casa antes d'ella, e transformá-la rapidamente na gentil creadilha Bitty. Se bem que o meu quarto seja situado ao lado da minha portada, não notei nada extraordinario. *Miss Flora* deixou-se cedo e não recebeu ninguém mais.

— Bem; contar-me-has o resto em Londres, pois conto voltar n'um dos proximos comboios; devo estar em casa ás sete horas, o mais tarde. Gostaria muito de pod-r fallar-te ainda esta noite.

— Farei o possivel para estar livre, mestre.

— Até logo, Harry.

Sherlock Holmes depoz o auscultador e apressou-se a reunir-se ás autoridades que o esperavam em baixo.

— Então, sr. Holmes, perguntas o juiz d'instrução, informou-se se são verdadeiras as declarações de Saldon acerca da sua ida à casa Phelps & Price?

— Sim, sr. Barclay; comprou ali os tres objectos, pouco antes de fechar a loja.

— Vêem? exclamou o juiz, triumphante, parece, pois, bem confirmado que foi Saldon o assassino da condessa. Vou faz-lhe o transporte, assim como aos dois vagalundos, para a prisão de Epping. Não de ver que elle resolve se a confessar tudo. Depois de sellarmos os quartos que nos interessam para a descoberta do assassinato, para Epping.

«Vem comigo, sr. Holmes?

— Se m'o permite, ficarei ainda algum tempo em Birkwood, replicou o grande policia, trocando um rapido olhar de entendimento com o doutor Campbell, a quem faz comprehender que desejava fallar.

— Quer procurar o cadáver do conde nos arredores do castello? perguntou o juiz, sorrindo.

— Não senhor, retorquiu Sherlock Holmes. Sei perfeitamente que não encontraria o cadáver e espero poder dar-lhe em breve provas de que o conde de Fairford está vivo e que temos de procurar o outro sitio e não aqui, em Birkwood.

— Chega a parecer que é de opinião que o conde é que é o autor ou instigador do crime, pronunciou Barclay, em tom ironico. Pois creio, que, se assim pensa, sr. Holmes, labora n'um erro grosseiro.

— Nós vemos, retrucou o genial criminalista rosgadamente, o que posso affirmar é que, na minha opinião, nem Saldon nem os dois vagalundos que prenderam são assassinos ou bandidos.

Respondendo friamente ao cumprimento que lhe faziam Barclay e o *major*, ao despedirem-se, o afastou-se em companhia de Campbell, depois de ter apaci-

tado a mão de Hart, que devia dirigir o transporte dos prisioneiros para Epping.

Conversando animadamente, Holmes e o advogado puzeram-se a caminho, seguindo pela esplendida rua bordada de castanhieiros que conduzia à villa habitada por Campbell.

O celebre policia accedea gostosamente ao amavel convite do velho jurista para tomar um pequeno lunch e um copo de vinho, pois suppoz que o advogado lhe daria, melhor que ninguém as informações que o levaria à descoberta do verdadeiro motivo do crime do castello de Fairford.

Não se enganára. Quando o esplendido vinho do Rheno soltou n'as rapidamente a lingua de Campbell, Holmes ouviu o que ainda era para elle incomprehensivel no crime do castello.

Como suppozera, não se tratava d'um assassinato com o fim de roubar.

O motivo do crime baseava-se sobre um terrivel segredo, que estivera até áquelle momento sepultado no tumulo de Johnston, com o cadaver d'este, mas que ia descobri-se agora, graças aos esclarecimentos que Campbell ia dar ao seu hospede acerca da situação do conde, da condessa e do fallecido Johnston.

Quando Holmes se separou do doutor Campbell, ia convencido de que conseguira entregar á justiça humana, o miseravel que, não tinha sobre a consciencia sómente o assassinio da condessa, mas um outro crime ainda, que a infeliz mulher partilhava com elle.

CAPITULO V

Uma optima creada

Os relógios das torres de Londres tinham acabado de dar as sete horas da tarde e os candeeiros das ruas não estavam ainda accendidos, quando se abriu a porta do gabinete de trabalho de Sherlock Holmes, na casa da Bakerstreet, e appareceu uma creadilha la-dina, apparentando ter vinte annos, de saia curta, deixando entrever quasi meio palmo de perna e, antes que o grande criminalista pudesse voltar a si da surpresa, saltou lhe para os joelhos.

— Eis-me aqui, sr. Holmes! exclamou a pequena, com uma vozinha muito aguda, e teria rodado com

os braços gordos o pescoço do policia, se este, vindo, não o tivesse impedido.

— Ainda bem que és pontual, Harry, replicou Holmes; a boa disposição em que te encontras faz-me supor que trazes boas noticias.

— Parece-me que vae ficar satisfeito comigo, replicou o jovem policia, fallando agora com a sua voz natural, forte e máscula, e estou satisfeito por me ter sido possivel dar um salto até cá.

«Tenho de ser breve, pois ás oito, ou o mais tardar ás oito e meia, tenho outra vez serviço, porque a minha ama vae hoje em grande toilette a uma soirée em casa d'uma grande amiga d'ella, *miss Mizzi Trenton*. Por isso não insisto em querer que me contes o que conseguia apurar em Fairford.

«Só desejaria que me dissesse se me enganei ao suppor que o crime do castello tem qualquer ligação com Flora Carr. A conversa que tivemos hoje ao telephone faz-me julgar que assim é.

— Tens razão, meu rapaz, retorquiu Holmes examinando com satisfação o seu discipulo que desempenhava primorosamente o papel de se enroscareira, de forma a ninguém poder suspeitar que era um homem que envergava os vestidos de creada.

— E' por isso que desejo que me contes com a maxima exactidão tudo o que achaste digno de nota em Flora Carr, hontem à noite. Temos um tramway que pôde conduzir-nos rapida e directamente a Connaught Place de forma que podes estar em poucos minutos em casa da tua ama. Nada te impede, pois, de me contares minuciosamente tudo o que sabes.

— O sr. Holmes bem sabe, começou Harry Taxon, que se sentára entretanto n'uma cadeira, em frente do policia, que recebi de *miss Flora* a ordem de lhe servir todas as manhãs ás dez e meia o chocolate, que ella toma geralmente na cama. Tenho de lhe lêr em seguida as ultimas noticias, especialmente as mais sensacionais, dos jornais da manhã e, n'essas occasiões, ella falla comigo muito amavelmente.

«Hoje entrei no *boudoir* à hora do costume e fiquei surpreendido ao vê-la já vestida e sentada à sua pequenina secretária.

«Estava de costas voltadas para mim; apesar d'isso pude perceber que examinava com attenção um papel coberto de linhas que se cruzavam em todas as direcções, e que me pareceu ser um plano ou mappa para servir de orientação.

«Quando me approximei, vi que, realmente não me enganara e que era um *croquis* o que ella examinava.

«Acabara de me certificar, quando Flora se voltou repentinamente, pois dera quasi instinctivamente pela minha presença.

«Fúriosa, por-se de pé:

«—Maldiva! Estás a espionar-me? Quem te permitiu que entrasses no meu quarto? gritou-me.

«Com o rosto vermelho de cólera, aproximei-me rapidamente d'um armário, cuja porta estava aberta e fechou-a imediatamente á chave. Em seguida dirigiu-se, a mim com os punhos cerrados:

«—Sou capaz de te estrangular, viboral exclamou, tirando do peito um estilete que trazia oculto de fôrmas que tive de me afastar d'ella o mais depressa possível.

«Aceitei-te como minha creada, fiando-me nos attestados garantidos pela policia, mas sob a condição de cumprires estritamente as minhas ordens.

«Pois á por cumprir as ordens da senhora que me encontro aqui, repliqui hesitante e humilde. Tenho ordem para entrar e servir-lhe o chocolate sempre a esta hora. São dez horas e meia em ponto, não vim nem um minuto mais cedo ou mais tarde!

«Sim? replicou a *miss* comprometida, eu enganei-me nas horas e és tu que tens razão, querida Betty; perdoo-te, tu tens sido sempre boa rapariga e estou contentemente comigo.

«Começou então a mostrar-se muito amável, chegando a sorrir-me o rosto. Pareceu, contudo, só ficar desconfiada quando sahi do quarto. E' claro que comprehendi immediatamente que a minha bruxa apparição apenas a irritara tão fortemente pelo facto de estar aberta a porta do armário.

«Ora esse armário sempre provocara a minha curiosidade, e era grande o meu interesse, pois apesar de estar como creada de quarto ha tres semanas não conseguia ainda passar-lhe a busca e ver o que continha. Isso será trabalho para nós ambas, se fôr possível, fazermos esta noite, quando Flora partir de carruagem para a *soirée*.

«Pussas a chave do armário e julgas que estár oculto n'ella qualquer objecto importante?

«Pude tirar esta tarde um molde da fechadura do armário, em casa, e, até ás nove horas, ha de ser facil conseguir fazer uma chave, se bem que não precisamos d'ella, pois possimos a nossa chave universal, que en não tinha, infelizmente, esta tarde. Tenho o presentimento que vale a pena ir ver qual é o segredo do armário, porque, se assim não fôr, qual era a explicação a dar ao subito ataque de furia d'esta manha?

«Julgas que a occasião mais propicia será esta noite, Harry?

«Sem duvida! Esta noite não supplee ella que eu esteja em casa. Para que ella não suspeitasse, pedi-lhe licença desde esta noite, ás nove horas, até amanhã de manhã, dizendo que desejava assistir a uma pequena festa em casa de pessoas amigas. Percebi que

lhe agradara extremamente e que lhe convinha o meu pedido, pois accedea com alegria.

«Podemos entrar lá em casa facilmente, sem sermos notados? inquiriu Holmes. Parece-me que me dissete que é quasi impossivel fazel o durante a noite.

«As portas da casa e do pátio são fechadas por ella propria, cautelosamente, por essa hora.

«Não se incomode com isso, affirmou Harry em tom decidido, eu saberei arranjar as coisas de maneira que ninguém dará por nós. Esteja o mestre, das dez para as dez e meia na pequena travessa que parte de Connaught Place e passa junto da casa de Flora Carr. Espera-o hei ali e veremos o resto.

«Bem, Harry, em sendo dez e um quarto lá estarei; sempre quero ver como correm as coisas. Não dás-te, esta tarde pela visita d'um homem, que podia muito bem ser o conde de Paiford? Deves combê-lo porque viste o retrato d'elle no album da Carr; elle cortou a barba agora.

«Não. Ella não recebeu ninguém esta tarde, replicou Harry, e agora, até á visita senhor Holmes. Aqui está o molde em cera, se julgas que será necessario. Vou me embora o mais depressa possível, não vá a mulhersinha desconfiar de qualquer coisa no ultimo momento.

«Até logo, meu rapaz, retorquiu o grande policia; abra bem a casa e repara no que se passa em volta de ti.

Sorrindo, ficou seguido com a vista o seu discípulo, que se despedira com um gesto todo feminino, lançando-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

CAPITULO IV

A' espreita

O genial policia esperava com impaciencia o momento em que devia encontrar se com Harry, na pequena e solitaria travessa. Vestiu-se de preto, calçou botas com solas de borra-cha, que lhe permitiram andar sem ser percebido.

Armou-se cuidadosamente, pois não estava livre d'algumas aventuras perigosas, na noite que ia seguir-se. Pontualmente, á hora prefallida, chegou á travessa. O silencio e a solidão eram maiores ainda que habitualmente, pois havia algumas horas já que cahia

uma chuva persistente, que afugentava os transeuntes.

Uma lanterna vermelha via se pendurara sobre a porta do «Cyne Branco», em frente da qual estacionava uma carruagem elegante — caso para extranhar em rua tão pobre, — provavelmente porque o cocheiro procurara abrigo na taberna, de onde sahia o som de alegres cantares.

Sherlock Holmes aproximara-se e chegara quasi junto da equipagem, quando ovuiu subitamente pronunciar o seu nome em voz baixa, e viu sair d'um portal Harry Taxon, vestido ainda de mulher.

«Ainda bem que chegou, senhor Holmes, exclamou rapidamente, aproximando-se da portinhola do trem e abrindo-a, entre depressa para aqui, que eu o acompinho.

«E' a carruagem de *miss* Flora; John Nickleby, o cocheiro, que conduzia a *miss* ao baile, voltou e ha já uma boa meia hora que entrou no «Cyne Branco», para beber alguns copos de *whisky*, pelo qual, como americano que é, tem especial predilecção. Deve estar a sair, d'um momento para o outro, já bastante bebido, e nós seremos seus passageiros sem que elle o presinta.

«Sem o saber, ha-de levar-nos, pelo menos, até ao pátio da casa. Naturalmente mette na cocheiro o trem até voltar a atrelar para ir buscar a patrão e nós poderemos assim e sem que nos vejam, penetrar em casa e ir para o meu quarto.

«E' um pensamento, disse Holmes, sorrindo. Se contintássemos, serás em breve mais celebre do que eu. A maneira que inventaste para conseguirmos o nosso fim, é verdadeiramente genial.

Mal acab de fallar, quando a porta da taberna se abriu e a ella assomou John Nickleby, assobiando alegremente, e subindo depois, com algum esforço, para a hoiela. Deu um estalo com o chicote e os cavallos arrancaram. Não pensou, nem de leve, em olhar para o interior da carruagem, que voltou a esquina e se achava, dois minutos depois, dentro do pátio.

A suposição de Harry não fallara: John abriu a porta da cocheira, e guiou a equipagem para dentro d'ella. Em seguida, destrou os cavallos, para os conduzir á cavalariça. E' claro que os dois policias aproveitaram a sua ausencia para sair do trem e, para protegidos pela escuridão, penetrarem em casa por uma portinha das traceiras.

Ainda antes de John ter voltado da cavalariça, já os dois homens se encontravam no pequeno quarto que *miss* Flora destinara para a sua nova creada Betty.

Se Sherlock Holmes ficou surprehendido com a elegancia da instalação d'este quarto, a sua surpresa augmentou de ponto ao penetrar no boudoir de Flora.

«Vê-se que o negocio d'estas damas, que tem um certo papel de destaque no demi-monde deve ser muito rendoso; pode suppr-se que estamos no quarto d'uma lady riquissima.

«Quando Flora teve a ligação com o conde, os seus meios não eram taes que lhe permitissem uma instalação tão luxuosa. A ligação que ella teve em seguida e que só durou poucos mezes, com o banqueiro Logan, não pode ter-lhe rendido o sufficiente para permitir a Flora viver assim, como ella tem vindo desde a morte do velho, que habitava n'uma casa de tres andares, muito proximo d'aqui.

«Essa casa continha ainda completamente mobiliada e os quartos parece-me que se encontram na mesma disposição em que se achavam em vida do dono. Os herdeiros, que se esperam, vindos da America, podem vir habitar immediatamente a casa.

«Ah! eis o tal armário! exclamou Holmes, aproximando-se d'uma parede. Para que Flora não suspeite que algum andou a mexer na fechadura, mandei fazer ao nosso serralleiro uma chave pelo molde que me levaste. Como vês, serve perfeitamente.

Um segundo depois, Holmes tinha aberto a porta do armário.

«Ah! exclamou, sorrindo, e illuminando o interior do armário com a sua pequena lampada electrica portátil, é este o grande segredo? O movel está vazio! E' natural, porém, que exista um mecanismo occulto, que abre, provavelmente, o tampo do fundo do armário.

Holmes começou apalpando cuidadosamente com a mão direita as paredes interiores do armário e, mais depressa do que julgava, ovuiu um estalido, abrindo-se o tampo que formava o fundo e mostrando uma segunda cavidade.

Dentro d'ella encontraram os dois policias o tal plano que Harry vira n'aquella manha, alguns revólveres carregados e uma caixainha com um pó branco, que Holmes suppoz ser qualquer composto venenoso.

«Isso não é muito, mas já é alguma coisa, exclamou o policia. O que mais me interessa é este plano que Flora, segundo dizes, examinava com tanta attenção. Parece-me ser a indicação para encontrar o caminho através um verdadeiro labyrintho de corredores e caminhos que se cruzam. Onde conduzirão esses caminhos? Talvez ao que procuramos!

Depois de ter observado com attenção o plano durante algum tempo, tornou a collect-lo exactamente no mesmo sitio onde o encontrara, tornou a fechar a abertura depois d'algumas tentativas para achar o processo de o fazer, e passou a examinar detidamente o quarto.

Contudo, nem elle nem Harry Taxon puderam encontrar alguma coisa que se lhes tornasse suspeita,

Voltaram então para o quarto de Harry, para espreitarem ali occultos o regresso de Flora, pois não queriam expôr-se a serem surpreendidos. Era notissimo ter prudencia, Harry tinha declarado a Holmes que a governante de Flora era uma vibora, que vigiava a casa como um cerbero feroz.

Por varias vezes lhe pareceu ouvir os passos arrastados da velha, junto da porta do quarto.

— Temos de nos occupar da paciencia, disse Holmes para o seu joven discipulo. Primeiro que Harry Carr volte do baile, pouco decorrer ainda algumas horas. Não é muito agradável a perspectiva de ficar aqui ás escuras todo esse tempo, sem poder acender o cachimbo ou um charuto. Vou aproveitar esta forçada inação para te contar o que se passou e o que eu descobri no castello de Fairford, em Birkwood. O policia começou então a relatar a Harry Taxon, que o ouvia com attenção, o que se dera em Birkwood.

Em seguida formularam ambos varias hypotheses sobre o que seria que o conde tão ansiosamente buscava e sobre o paradeiro do mesmo conde.

— Se não me tivesses affiançado que Flora assiste realmente á festa em casa de Mizzi Trenton, uma sua amiga colliga, e se eu não me tivessees certificado que se realisa effectivamente essa soirée, já ha muito que a teria seguido passo a passo. Mas como ella te dou licença para saberes esta noite, é muito provavel que tencione fazer qualquer partida aqui, e é bom estarmos já á espreita e bem situados.

— Também é essa a minha opinião, mestre, concordou Harry. Silencia, agora, pois se não me engano é Nickibby que volta, condemnando Flora.

— E' tens bom ouvido, meu rapaz. Lá entra o curreio no pateo. Senti bater a portinhola... ouve... sentei-se a chave na fechadura da porta e, agora, os passos d'ella na escada. Depressa, escondam-nos atraz d'aquelle repositório e silencio!

Os dois policias occultaram-se rapidamente detraz dos pesados repositores de seda amarella, permanecendo immovéis.

Abriu-se a porta do *houdoir* que dava para o corredor e entrou Flora Carr.

— Está bem, Kitty, dizia ella para alguém, pde o castiçal sobre a chaminé; despir-me-lhe só. A minha creada Betty sabia?

— Saiu, minha senhora; pronunciou uma voz rouca e aspera, certamente a voz da velha e antipathica governante, a estúpida estava doída de contente, naturalmente porque lá encontrara-se com o namorado n'algum hall publico. Enfim, quando se é rapariga nova é necessario gozar, ou tambem fiz o que pude!

— Está bem, Kitty, vas deitar-te, que eu estou fatigado e vou dormir tambem.

A velha murmurou as boas-noites e saiu do quarto: um segundo depois os dois homens, no quarto ao lado, ouviram Flora fechar cautelosamente a porta nas costas da governante.

— Apesar de Kitty affirmar que Betty saiu, vou examinar o quarto d'ella, para mais seguranca, murmurou a bella mulher, e Holmes e Harry felicitaráram-se por terem vencido a curiosidade e não terem saído detraz do repositório, para espreitarem para o *houdoir* atravez da fechadura.

Abriu-se a porta e no limiar surgiu Flora, uma esplendida mulher, alta, bem feita, vestindo uma magnifica *toilette* de seda azul que lhe fazia realçar a belleza tentadora. Trazia na mão direita um candelabro de prata com quatro velas.

Atravessou lentamente o quarto e chegou a luz á parede, junto dos armarios para vir se algemear se occultava detraz d'elles e curvou-se, fazendo incendiar a luz sob o sophá e sob o leito; collocou, em seguida, o candelabro sobre a mesa e abriu os armarios, para se certificar que ninguem se occultava dentro d'elles.

Dirigiu-se então para um dos repositores, e o coração dos dois homens bateu apressadamente, e sougueou-o.

Por felicidade só fez isso a um dos repositores, deixando de examinar aquelle detraz do qual se achavam os dois policias.

Com um murmuro de satisfação, saiu do quarto da creada e dirigiu-se novamente para o *houdoir*.

Holmes e Harry Taxon ficaram immovéis ainda durante um segundo e approximaram-se então, muito cautelosamente, da porta que communicava com o aposento de Flora.

para alistar todos os empregados de Scotland Yard. Examinou os dois revolvers e, ao certificar-se que estavam carregados, guardou-os com evidente satisfação no bolso da saia, occultando a caixa do pó na blusa.

— Agora falta-me o dinheiro para a viagem, ouviram os dois policias, que tinham conseguido entreabrir a porta sem o menor ruido, e que espreitavam pela estreitissima fenda. Viram então Flora approximar-se do leito, levantar a roupa e erguer, com bastante custo, o colchão de molas á francesa.

Metten as mãos entre as molas e sacou uma carteira cheia de notas do banco, em enorme quantidade. Abriu-a e poz-se a contar o dinheiro, dizendo, com um sorriso diabolico:

— Chega para passar-mos uma vida regalada. E' o dinheiro arrancado ao velho patife Legan. O avarento julgava poder ter uma mulher nova e linda, fazendo d'ella sua escrava, por pouco dinheiro! Promessas não faltavam, mas vigiava-me constantemente e nunca me entregaria voluntariamente uma somma importante, como eu desejava. A mesma historia como com a condessa de Fairford.

«Rogerio, depois de ter esbanjado a sua fortuna, ficaria eternamente um pobre diabo, se não deixasse a não aquillo que a mulher lhe negava apesar de dever a elle vêr-se livre do primeiro marido, a quem nunca amára e com quem casára apenas por causa do dinheiro.

Flora fechou a carteira cuidadosamente e metten a no peito.

— Bem, agora o plano, e depois nada mais me prende n'esta noite d'ouro, que o velho me installe para a nossa lua de mel, exclamou a linda mulher, com uma expressão de nojo, ao pronunciar as ultimas palavras.

Dirigiu-se ao armário e pegou no rôlo de papel; fechoo o movel e approximou-se do fogão, desdobrando o plano e examinando-o cuidadosamente á luz das velas.

Depois de, segundo parecia, ter fixado em todos os detalhes do mesmo, abriu um pequeno castiçal que se achava proximo do leito e tirou de lá, com espanto de Sherlock Holmes, uma lanterna de furta-fogo, que acendeu a uma das velas.

Apagou o candelabro e, dirigindo-se para a porta do corredor, abriu-a, encaminhando-se para uma escada das trezeiras da casa.

Como não pensava em voltar para a *gaioia* doutrala, como dissera pouco antes, tambem não se imporia de deixar a porta aberta, Holmes e Harry puderam, por isso, seguir-a facilmente, sem perderem tempo a abrir a porta nem correrem o risco de serem presenteados, ao fazel-o.

Flora desceu a escada e, chegando ao pateo, fechoo

CAPITULO VII

Uma inesperada solução do enigma

Holmes foi o primeiro a lançar um olhar atravez o buraco da fechadura.

Viu Flora collocar o candelabro sobre o marmore do fogão, conseguindo a despir o vestido do habito.

Com grande interesse, Holmes não deixava o rosto da linda mulher, cuja pallidez profunda o impressionava. Os grandes olhos negros brilhavam-lhe num desasosiego intimo, ao mesmo tempo que trahiam um certo ar de triumpho. Com os olhos magníficos contrastavam os fartos cabellos louros, que cahiam em ondas sobre as espaldas e os seios que pareciam esculpidos em marmore.

Tudo corre bem, murmurou, começando a envergar um fôrte cinto, proprio para viagem, o que fazia supôr que ella tencionava sair ainda essa noite. O lord de Mizzi concede-nos que viajemos com elle e com a minha amiga. Meu Deus! como hei-de respirar ascegada quando me vir longe de Londres, a bordo do *yacht* que nos transportará pelo Oceano! Eia-me finalmente, attingindo o fim de todo o meu esforço! Quanto custou consegui-lo! Se fôsse por vontade de Rogerio, ainda a esta hora elle continuaria a viver n'aquella reles aldeia, ao lado da tóia da mulher, e gozando a vida campestre. Que fastio!

«Mas nem eu nem Rogerio fomos feitos para aquillo. Só podemos viver no meio do turbilhão e no paiz da liberdade, na livre America, a nossa felicidade será construida de novo e poderemos respirar á vontade. Approximou-se do armário e abriu-o com uma pequena chave que trazia pendente d'uma fina corrente d'ouro, ao pescoço.

Carregou na molla occulta e, depois de aberta a cavidade secreta, pegou nos revolvers e guardou-os no fôrte, occultando tambem os papelinhos com o pó branco.

— Para o que diz e faz, continuo. Quem sabe se precisaria ainda de ambas as coisas? E se eu desço cabô do velho diabo antes de partir? E' talvez o melhor que ha a fazer. Está meio louco, mas tem ainda, a espasmos momentos lúcidos e podia tornar-se prigozo para nós, se o descobrissemos.

«Infelizmente, sabe bastante de mim e de Rogerio

a lanterna, occultando a luz. Atravessou depois até à outra ala do predio e, parando em frente d'uma porta que dava para as caves, abriu-a com uma chave de que lhe muniu. Antes, porém, ficara alguns segundos imóvel, á escuta. Nada ouviu de suspeito, porque os dois policias tinham-se immobilizado como duas estatuas, sem fazerem o mais leve ruido.

Flora Clara desceu a escada da cave, deixando a porta aberta. Holmes e Harry continuavam seguindo.

As chegar ao ultimo degrau, a mulher tornou a abrir a lanterna para se guiar no corredor abobadado. Atravessou a cave em todo o seu comprimento e estacou junto á parede. No chão de lage via-se uma argola de ferro, chumbada a um retângulo de pedra, tendo de largura uma trinta centímetros. Flora depoz a lanterna e tirou do seu um punhal cujo cabo lhe serviu para arguer a argola.

Os dois policias, detraz d'uma columna, não perdiam um unico detalhe.

Mostrando ter força pouco vulgar, Flora levantou com esforço a pedra e penetrou na cavidade que puzera a descoberto.

Holmes e Harry esperaram ainda alguns minutos e aproximaram-se então da abertura, envolta já em profunda escuridão, o que provava que a mulher que seguia devia já ter-se afastado.

Cautelosamente, foram desceendo ambos e notaram que os degraus eram humidos e escorregadios.

Quando Holmes carregou no botão da sua pequena lanterna electrica, viu que se encontravam n'um corredor subterraneo, muito comprido e tão estreito e baixo que, mesmo curvado, era difficil passar. Semelhava mais o canal d'um covil de raposas do que uma passagem destinada a seres humanos. O ar era pesado e tão impuro que se corria o risco de suffoção.

Pouco a pouco a inclinação tornou-se menor, até que o pavimento adquiriu uma direcção sensivelmente horizontal.

Estavam, segundo creio, n'um dos velhos canaes do esgoto de Londres, que já não funcionava e que conduziu as aguas da cidade para o Tamisa. Provavelmente iremos dar em breve a um ponto de onde partam ramificações em todas as direcções. Percebo agora o motivo da existencia do plano que Flora examinava com tanta attenção.

—Se me não enganar, lá está ella a examinar novamente o plano á luz da lanterna.

Efectivamente, assim era. Momentos depois, a lanterna apagou-se e os dois policias apressaram-se a seguir Flora, com receio de não saberem depois qual dos canaes ella seguia.

Percebam ter chegado finalmente, ao termo da peregrinação subterranea.

Flora parara em frente d'um muro. Tacteon com

a mão na parede durante algum tempo, até que achou a moita occulta que buscava.

Afastaram-se algumas grandes pedras e formou-se uma abertura que devia conduzir, indubitavelmente, á cave de qualquer casa vizinha.

Apenas Flora Clara desaparecera, os dois policias apressaram-se a seguir a.

Logo que penetraram na cave, ficaram durante alguns minutos absolutamente imóveis. A razão era a seguinte:

—Velho animal! ouviu Holmes pronunciar a Flora, em voz abafada, como se soasse por detraz d'uma porta. Vamos acabar agora de vez contigo; já me aborreceste durante bastante tempo. Não elles para mim como essa cara antipathica e escusas de rosnar, se bem que pouco mais sejas que um cão. Toma, toma, apanha mais este pontapé.

Ouviu-se o ruido de algumas bofetadas, acompanhado de gemidos e gritos de fúria.

—Suspiços quem seja o infeliz que soffre este martyrio, Harry? segredou Holmes.

Naturalmente, o antigo amante da *miss*? Logan, segundo logo, morreu. Seja, porém, quem for a pessoa que geme e soffre d'aquella maneira é necessario acudirnos-lhe.

Harry, seguindo o impulso do seu compassivo coração, queria lançar-se na direcção de onde partiam os gemidos, mas o mestre pôde impedi-lo, a tempo, de realisar o seu intento.

—Espere, não, segredou-lhe Holmes, não vá; que vá destruir com a tua irrelexão todo o nosso trabalho? Primeiro temos que seguir Flora, que vai subir a escada da cave. Temos depois muito tempo do qual salvar este infeliz.

Assim dizendo, precedeu o discipulo, seguindo Flora até ella chegar ao primeiro andar da casa que parecia inteiramente desabitada.

Nenhum ruido se ouvia, a não ser, a espaços, os leves gemidos provindo da cave.

Flora pôz-se a seguir ao longo d'um corredor, desaparecendo por uma porta a que elle conduzia.

Um segundo depois, os dois policias tinham chegado junto d'essa porta curvando-se, na ansia de ouvirem qualquer ruido. Nada se ouvia, parecendo que o quarto seguinte estava deserto.

Sherlock Holmes tomou a resolução de abrir a porta, succedendo o que succedesse.

—Chegamos ao covil, sussurrou Holmes, apontando para um raio de luz que se filtrava pela estreita fresta d'uma porta fronteira áquella que acabava de abrir. Aquelle que procuro está ali, n'aquelle quarto!

Atravessaram-se ambos até junto da porta, contendo a respiração e, pela abertura da porta, espreitaram.

Sobre um divan estava estendido um homem na

força da vida, elegantemente vestido e parecendo achar-se de muito bom humor.

Sherlock Holmes recordou-se immediatamente do retrato do conde de Fairford, cujas feições tinha gravado profundamente na memoria e cuja recordação lhe aucta agora, subitamente.

«Sim, eram as mesmas feições, o mesmo sorriso *maest*, o mesmo olhar penetrante e duro, a que a falta de barba dava ainda maior realce.

«Na mão coberta de anéis de brilhantes, o conde —pois não podia ser outro senão o conde Fairford— segurava um havana, cujo aroma esplendido perfumava o quarto, bastante mal mobilado.

«Em frente do sofá via-se a *miss* Flora, cujo rosto denunciava a cólera que sentia ao vir o amante persistir na mesma flagra, apesar de dever comprehender a extinguição de que ella se achava possuida.

—Não te comprehendo, Rogerio, exclamou ella tremendo de indignação. Não percebo como podes estar tão accegado. Procedeas como um homem que não tivesse o minimo peso sobre a consciencia. Sabes que Londres inteira não falla senão no crime de Birchwood?

«Chego de Mizzi, onde li um supplemento do «Times», narrando pormenorizadamente o caso a que tu, meu caro, não és extranho.

—Julgas então, Florencia, que devo incommodar-me com a morte de Ellen? Ah! Ah! Estou contente por estar livre d'ella e o mesmo te succede.

«Nas recusas, então, que recidias sobre ti as suspiços?

—Nem de leve! sorriu o conde cynicamente, lançando nova bafurada de fumo do charuto. Como poderia isso ser? Graças ao teu auxilio, consegui fazer lançar sobre outros as suspiços de ter commettido o crime. E'des-te a certeza que esse já não escapa da fôrça, por mais que façam.

«Deus permita, que não te enganar, replicou o Flora. Li no supplemento que esteve esta manhã no castello Sherlock Holmes, para, juntamente com o juiz d'instrução, lhe passar uma busca minuciosa, assim como ao parque.

Esta noticia pareceu fazer certa impressão no conde, apesar de todo o seu socoço. Holmes notou com a satisfação a accentuação da palidez do rosto e o brilho dos olhos do conde, ao ouvir as ultimas palavras de Flora.

—Sim? perguntou Fairford. Então esse mexeriqueiro tambem já foi metter o nariz? Isso é que não é muito agradável, porque a elle não é facil escapar qualquer coisa. O supplemento fallava na prisão de Saldon? Segundo a minha opinião é o que deve ter succedido. Eu ordenei-lhe hontem muito espectralmente que, logo que estivesse contigo, voltasse para Birch-

wood, onde eu o esperava hoje de manhã cedo. Se a policia encontror o caso de d'ella, não ha duvida que o metteram immediatamente na prisão.

—Efectivamente, Saldon foi preso e é indigitado como o assassino, retorquiu Flora.

—Ves? exclamou o conde, sorrindo, não tens razão para gritares d'essa maneira. De-as-me socoço, porque ainda não estou bem em mim do trabalho da noite passada. Ainda bem que esta casa do velho que teve o atrevimento de julgar que poderia conquistar te, me offereces um tão excellento asylo. Ninguém poderá pensar que me encontro aqui.

«Arranjei as coisas de forma que o proprio Sherlock Holmes ha de supplyr que foi assassinado e que estou enterado nos archivos do castello.

«A unica coisa que poderia tornar-se me perigosa, está folilmente em meu poder. E' este papel. Não imaginas quanto me affligi a procura-l-o. O diabo da minha mulher tinha o escondido debaixo do tapete do quarto de cama, onde consegui encontrá-lo finalmente, depois de ter despedaçado todos os moveis.

«Queres lê-lo, Flora?

—Não estou agora disposta, replicou a amante do conde. Dize-me o que elle contém.

—Nada mais, nada menos que eu matei Fred Johnston, o primeiro marido de Ellen, com um veneno que a minha amante me forneceu. Ellen tinha esta carta preparada, para a fazer chegar ás mãos do procurador da corôa logo que o desejasse. Era com essa carta que ella tentava conseguir manter-me dentro d'as cortias limitas, forçando-me a não me afastar d'ella. Eu tinha medo d'ella, pois d'ella partira a ideia de envenenar o marido, para lhe obtermos a fortuna, que fora o unico motivo porque casára com elle.

«Ora eu pensava que a mesma sorte poderia estar-me reservada.

«Nunca eu teria pensado em assassinar o meu amigo, a quem tantos servicos deveu: se Ellen não insistisse constantemente comigo, suprimindo-me a necessidade de o eliminar. Se a matei, ella pagou apenas o mal que fez e colheu a semente que semeou. Fosse como fosse, eu tinha já tenção de acabar com a historia de Birchwood, porque reneava, e creio que com razão, que Johnston tivesse contido ao advogado Campbell, seu velho e intimo amigo, o verdadeiro motivo da sua doença. Johnston, suprimindo, pouco antes da sua morte, que tinha sido envenenado. Mas basta d'este assumpto. Fallemos d'outra coisa. Estive em casa de Mizzi? O lord está prompto a levar-nos para a America no seu yacht?

—Está. E' por isso que venho a esta hora ter contigo. E' preciso que te prepares para partir. Não podemos perder um momento; a viagem começará d'aqui a poucas horas.

«Tu levas só alguma bagagem de mão; podemos partir immediatamente.

—Está bem, replicou o conde, levantando-se. Estou prompto. Que havemos nós de fazer, de Logan? Foi uma tola ideia, a tua, Flora, de fazer desaparecer assim o demónio do velho, a quem odiavas. Um dos teus pózinhos teria sido bem melhor. Se o deixarmos aqui, virão desdobri-lo. O melhor é darmos cabo d'elle.

—E' essa a minha opinião, retorquiu Flora. Quer es encarregar-te d'isso? Toma este revolver e não hesites: dá-lhe um tiro na cabeça.

E Flora entregou ao conde um dos dois revólvers que trouxera.

Os dois policias que não perdiam um só dos movimentos do conde em da sua companhia, estremeceram ao vêrem a expressão que adquirira subitamente o rosto de Rogerio de Fairford. As pupilas dilataram-se-lhe, tomando uma expressão feroz. E' que a carteira cheia a transbordar, de notas do banco, que Flora mettera no seio, apparecera-lhe de subito pela abertura do casaco de abafar e despertára instantaneamente a cupidez do miseravel.

Levantou o braço, armado do revolver, e desfechára sobre a desprevenida mulher, que nem de leve suspeitava, a rapida reviravolta que se operara nos sentimentos do amante, se justamente n'esse momento não se fizesse ouvir um rugido, tão horrivel, tão selvagem, que tanto os dois criminosos como os dois policias estremeceram apavorados.

Um homem penetrára no aposento occupado por Flora e pelo conde.

Causava horror olhar para elle.

O cabelo e a barba estavam crescidos e emaranhados. O corpo do velho, que aparentava sententa annos, parecia um esqueleto. Era a imagem do abandono. Havia muitos mezas já que elle não via um pente, uma escova ou uma tesoura. Os fabulosos trogloditas, os habitantes das cavernas no Egypto e na Ethiopia, não poderiam ter apresentado aspecto mais selvatico. O rosto apertugaminhado estava coberto por uma crôsta d'imundície.

Flora soltára um grito, não podendo desfitar aquella figura horrivel, obra apenas da sua alma demoniaca.

Havia quasi um anno que ella mantinha prisioneiro o desgraçado, amarrado com correntes, na cave da sua propria casa, depois de ter tentado em vão assassiná-lo com o mesmo veneno que dera a morte a Johnston.

Havia quasi um anno que ao infeliz não era dado proceder á menor limpeza corporal. A comida que a satânica mulher lhe fornecia era nauseabunda. O desgraçado enlouquecera quasi, mas uma ideia clara e

constante o galvanisava, acudindo-lhe aos labios a todas as horas, a todos os instantes, a palavra:

Vingança!

Chegara o momento em que podia saciar, finalmente, a sede de vingança que o enlouquecia.

Quando, momentos antes, Flora, descendo á sua prisão, o tinha esbofetado, o infeliz vendo a sua força decuplicada pela loucura, conseguira, finalmente, rebeitar a corrente que o prendia a uma argola de ferro chumbada no granito.

Estava livre! Livre! Podia satisfazer o seu odio, podia vingar-se de quem lhe fizera pagar tão cara a loucura de jojar que um homem da sua idade podia ser amado por uma mulher joven e bella.

Sim, estava agora em frente da odiada escultura, tendo o braço levantado, braço ao qual adheria ainda o anel de ferro com tres ou quatro dios da corrente que o prendera. Podia fazer cabir sobre a cabeça da infame mulher o seu braço vingador!

Como petrificados pelo pavor, Flora e o amante, fitavam-no mudos, como se vissem a cabeça da Medusa.

Sherlock Holmes e Harry Taxon tinham ficado tambem surprehendidos, hesitando durante um segundo. Mas lançaram-se immediatamente, como movidos por uma força occulta, sobre o conde de Fairford.

O conde despertou então. Empunhou rapidamente o revolver, para aniquilar os dois homens, em quem reconheceu instinctivamente gente da policia.

Antes, porém, que pudesse disparar, Holmes e Harry tinham-se lançado sobre elle, deitando-o a terra e desarmando-o.

Em seguida impediram ambos que o velho repetisse o tremendo golpe que acabara de assentar na cabeça de Flora o que a deixara em misero estado.

O conde foi amarrado solidamente e, enquanto Sherlock Holmes tentava fazer socegar o leuço, Harry Taxon corria ao posto de policia mais proximo, para mandar proceder á prisão dos autores do crime do castello de Fairford.

Não tinha passado ainda um quarto de hora e já o conde e Flora estavam na prisão, tendo sido o velho conduzido para o hospital.

No dia seguinte, todos os jornaes de Londres noticiavam o extraordinario e ultimo successo obtido pelo grande e celebre criminalista Sherlock Holmes, acompanhado do seu discipulo Harry Taxon, desdobrando e prendendo o assassino e a sua cúmplice, Flora Carr, no grande crime do castello de Fairford.

Rogerio de Fairford subia ao calafato. Os tres infelizes que estavam innocentes foram logo postos em liberdade, em virtude do pedido de Holmes, e apesar da relutancia do juiz Barclay, que julgava ter, pelo

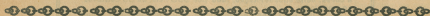
menos em Saldos, o verdadeiro assassino da condessa.

Flora Carr morreu em consequencia dos ferimentos que Logan lhe fizera. Este conseguiu curar-se da corpo e de espirito e goza alguns annos ainda a sua fortuna.

De todos o mais satisfeito com o resultado das

pesquisas de Holmes foi o doutor Campbell, que sempre suspeitara que o seu amigo Johnston tinha sido assassinado.

FIM



Ler no proximo numero:

OS TREZE TIROS

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta



— Que está V. Ex.^a lendo com tanto interesse, que nem repara n'um velho amigo que lhe apresenta a edição?
 — O 1.^o volume da *Collecção de Selecta*, que a *Empresa Lusitana Editora*, da Calçada do Forquilha, 23, acaba de lançar no mercado.
 — E como se intitula a obra?
 — *Amor de Padre*, do distinto académico Ed. Rod.
 — Conheço. É realmente um primor de estilo, do observação e de interesse.
 — O que lhe vai causar admiração é o preço.
 — Sim?
 — Ora veja todo este luxo. Magnífica impressão, illustração a cores, bella encadernação, tudo por 300 reis, ou 30 centavos ao o profano.
 — Oh! É realmente espantoso! Vou recomendar a sua aquisição a todos os meus amigos.
 — Não chegará a edição.

Aventuras

de

LORD JACKSON

Genial e audacioso policia. amador

Unco rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'un malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'un assassino | 22 Mulheres policas |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhio de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Incêndio semprito | 25 Coração torturado |
| 9 A falta suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um di-ama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tração pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O espião vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas Leônidas notáveis | 34 A renúncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

LIVRO DE LEITURA

para a 4.^a classe dos Lyceus
 1 volume illustrado 460 reis

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

— Edições luxuosissimas —
 — com bellas e numerosas gravuras intercaladas —
 — 4.^a edição — no typo —

A *Modern-Bibliotheca* é constituída por edições luxuosas e artisticas; e inserta as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I — *Disso lar*, por Marcel Proust
- II — *Aphrodite*, por Pierre Louys
- III — *Prima Laura*, por Marcel Proust

500 Rs. Preço de cada volume brochado 500 Rs.

TRATADO PRÁTICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kumlien.
 Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in. 8.^o gr.

300 rs.

100 maneiras de nos COM ARMAS
 defendermos na rua

1 volume de 160 paginas, profusamente
 200 Rs., illustrado, impresso em magnifico papel

O REI DOS MARES

AVENTURAS DO CAPITÃO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos
 Publicação quinzenal in. 8.^o grande com capa artistica a 3 côres

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu! Viveu e perdoou na tradição como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios lançou mão do aventureiro e da epica em que se embrou o mundo com as suas facinoras. Morgan foi o primeiro e o chefe d'essa raça de heróis indomáveis, que se tornaram lendas com os nomes successivos de *Bonacousins* e *Filibusteiros*.

O auctor da obra, que vae dar a publico, compulso todos os documentos que tratam da vida do *Rei dos Mares*, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as terribes proezas de que se nutri victoriosos. A vida dos oceanos, com todos os seus perigos e seductores mysteriosos, passa pelos olhos do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre desperta pela variedade e pelo imprevisto das peripetias.

Volumes publicados

- | | |
|-------------------------------|----------------------------|
| 1 O thesouro da ilha | 10 A cidadella dos piratas |
| 2 O segredo do pirata | 11 O primeiro encontro |
| 3 O marinheiro mysterioso | 12 O naufragio de Morgan |
| 4 O enigma da ilha do Coral | 13 Astucias de piratas |
| 5 O navio negro | 14 O terror dos mares |
| 6 Os dois capiteis de piratas | 15 O thesouro fluctuante |
| 7 Inimigos fideles | 16 O barão de Puma |
| 8 Expedição para a morte | 17 O caçador de escravos |
| 9 A nau do diabo | |

As novellas em que relatarmos as aventuras do *CAPITÃO*

ORGIN serão publicadas em numero quinzenal

Cada numero contendo uma 50.^a publicação mais barata
 C C C C obra completa de Portugal C C C C
 REIS

LIAM TODOS
 O conquistador de eridas
 Illustra. e gravuras de primeira classe
 Um gr. volume com 240 paginas
 300

COMO SE CONQUISTAM MULHERES
 Conselhos a um rapaz
 1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

RENE EMERY
S.^a Maria Magdalena
 Romance das trepas biblicas
 I A Passagem de Forno
 II Chamadas de voluptuosidade
 III Moab, terra da luxuria
 IV Pela senda do amor
 V Deito supremo
 1 eleg. vol. em 8.^o com artistica cap.
 a 8 côres 700 rs.

EVA NINA O Sherlock Holmes de saias

A primeira mulher policia do mundo inteiro

50 rs. ♦ ♦ ♦ ♦ CADA NUMERO ♦ ♦ ♦ ♦ rs. 50
CAPA A CORES PELO PROCESSO DA TRICHROMIA

♦ ♦ Parecerá á primeira vista impossivel que uma mulher seja capaz de consagrar-se a uma profissão tão arriscada e cheia de terriveis perigos como a de policia; profissão que exige *sangue frio, audacia e resolução* extremas, alliadas á *penetração*, á *finura* e á mais *assombrosa astucia*. Tal mulher, porem existe, e são as suas aventuras movimentadas, dramaticas, cheias dos mais extraordinarios episodios, que nos propomos contar nos numeros da nova publicação ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA e que certamente empolgarão o leitor pelo impre-
visto das situações, pelas scenas ora commoventes, ora intensamente dramaticas que recheiam cada episodio. ♦ ♦ Como se não bastasse o incomparavel interesse que devem despertar no publico as aventuras de ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA o Sherlock Holmes de saias
♦ ♦ ♦ ♦ para assegurar o exito da publicação, accresce ainda o facto d'ella ficar

Absolutamente gratuita ao comprador _____

pois cada numero lhe dará direito, mediante a apresentação do *coupon* d'elle cortado, a adquirir nos nossos escriptorios cinco numeros de qualquer das seguintes publicações de grande exito editadas pela

EMPRESA LUSITANA EDITORA	Novella Popular...	de 60 reis	por 50 reis
	Texas Jack..	 de 60	> por 50 >
	Lord Jackson	de 60	> por 50 >
	Guerra nos Ares	de 60	> por 50 >
	Invasão Amarella	de 60	> por 50 >

Este magnifico

BRINDE AOS COMPRADORES

dar-lhes-ha ensejo de colleccionar as mais interessantes publicações da actualhdade, ficando-lhes gratis aquella que hoje annunciamos e que encerra a maravilhosa vida de ♦ ♦ ♦ ♦

EVA NINA a mais extraordinaria mulher de todos os tempos

♦ ♦ Quinzenalmente será publicado um numero das interessantes narrativas, contendo sempre

Um episodio completo

e que será posto á venda em todas as livrarias tabacarias e kiosques e na

EMPRESA LUSITANA EDITORA
_____ **Calçada do Ferregial, 23 — LISBOA**